

Sig. Ter. Qua. Qui. Sex. Sabb. Dom.

LEIA NO VOLUME MÁXIMO

Leandro Samora

FORONI



LEIA NO VOLUME MÁXIMO
Contos baseados em canções da Legião Urbana

LEANDRO SAMORA



Texto original 2016
Todos os direitos reservados ao autor
Capa: Cauê Barbosa

Quer mandar uma mensagem?
Escreva para contato.leandrosamora@gmail.com

Agradecimentos

Nenhuma obra nasce sozinha. Entre o primeiro conto, que abre esta coletânea, e o último escrito, um bom tempo se passou. Durante este período, muitas coisas aconteceram. Para começar, a própria ideia de se criar uma coletânea. Se as histórias que você lerá a seguir ganharam vida no papel, foi graças ao apoio, incentivo e cobranças de boas pessoas. Ficam aqui os agradecimentos à Camila, e seus incansáveis esforços de todos os dias para ver a coisa acontecer. Ao Cauê, grande incentivador de novas ideias e fotógrafo de primeira, que liberou uma manhã inteira na agenda apertada para criar a capa. Ao Thiago, por fechar a porta (e, com isso, apresentar um novo mundo) e toda a minha família, que permitiu que eu pudesse crescer escrevendo e está sempre presente em cada nova etapa da minha vida. E, claro, obrigado ao Renato, Dado, Bonfá e Renato Rocha, pelas canções que nunca deixam de ganhar novas vidas.

*Para a Camila,
Primeira leitora e companheira de viagens*

Índice

[Sobre canções e portas fechadas](#)

[Faixa 1](#)

[Faixa 2](#)

[Faixa 4](#)

[Faixa 5](#)

[Faixa 6](#)

[Faixa 7](#)

[Faixa 8](#)

[Faixa 9](#)

[Faixa 10](#)

[Comentários](#)

Sobre canções e portas fechadas

Era começo dos anos 90.

A Seleção ia bem, o cinema passava uns filmes legais, eu tinha Golden Axe III pra jogar no videogame. Eram outros tempos. Até a economia parecia que ia ter uma chance, veja só você. Me lembro de estar na escola e a professora desenhar na lousa o “R\$” e explicar que, agora, 1 real valeria a mesma coisa que 1 dólar, e que as coisas iriam melhorar. Fiquei feliz, até ver que aquele montão de notas que eu tinha no meu cofrinho se converteram em míseras duas notinhas verdes do dinheiro novo.

Mas era o começo dos anos 90 e eu ainda era só uma criança, observando e tentando entender como o mundo ao redor funcionava. Meu irmão mais velho, por sua vez, estava entrando na adolescência, com tudo o que vem no pacote. Incluindo cara emburrada e portas fechadas.

Uma vez que a demanda por portas a serem fechadas se fez presente, ele ganhou um quarto só para ele. Ali, ele poderia se cercar pela Agatha Christie, seus cadernos, suas primeiras experiências de incursão no mundo literário (como a história de ficção científica envolvendo um gibi do Cascão) e, claro, seus discos. Com um movimento da maçaneta que era só dele, meu irmão poderia se isolar do mundo e criar o próprio universo, impenetrável pelas forças externas.

Mas ainda que fosse impossível entrar nesta fortaleza adolescente, nada impedia que este universo recém criado escapasse um pouquinho.

No isolamento do seu quarto, meu irmão escutava os discos da Legião Urbana em sequência. Mal acabava um, já entrava outro a tocar. E quando acabava o último, o rádio recomeçava desde o primeiro.

Sentado do lado de fora da porta fechada, no conforto das almofadas do meu quarto infantil, eu escutava a tudo. Aprendendo aquelas palavras. Decorando. Aprendendo a amar as letras que se juntavam e se transformavam em poesia. Achando *Perfeição* realmente perfeita. Descobrimo o que era a revolta, direcionada ou não; o que era a vontade de mudança e a necessidade de amar e ser amado. Eu estava observando uma maneira diferente de entender o mundo. E, de quebra, descobrimo também maneiras diferentes de se contar histórias.

Meu irmão me ensinou a ler livros, porque ele fazia isso demais. Me ensinou a escutar música e me fez encontrar dentro de mim a vontade de me comunicar e me expressar, usando as ferramentas que eu pudesse.

O mundo seguiu adiante, ele se tornou adulto; meu outro irmão – sempre um companheiro mais próximo, como é mesmo a vantagem de ser o recheio do sanduíche – ele também cresceu. No tempo certo, eu tive a minha oportunidade de também ser um adolescente e ressignificar algumas daquelas letras.

Legião Urbana faz parte da minha vida e de quem eu sou.

Espero que faça parte da sua também. Se neste momento eu posso dar um conselho, é o seguinte:

LEIA NO VOLUME MÁXIMO!

Faixa 1

“Barrus?”

“Bauhaus.”

“Báu-Raus?”

“Bauhaus, cara!”

“Que merda é essa?”

“Sei lá. Deve ser uma banda. Uma banda indiana, pelo nome. Ela curte essas coisas, tipo... Alternativas.”

“Da hora.”

“E Van Gogh. Ela falou de Van Gogh também.”

“Esse é aquele maluco que cortou a orelha, não é?”

“É. Aquele do quadro dos girassóis, das arvorezinhas, das estrelas... Aquele da cadeirinha e tal.”

“Da hora.”

“É, sei lá. Ela é, tipo... meio *cult*, saca? Pinta quadro, essas coisas. Outro dia a gente foi se encontrar no parque, dar umas voltas. Eu queria comer alguma coisa, ela tava a fim de ir no cinema. E ela tava suja de tinta. Achei meio estranho, mas enfim... Ela disse que pintava, então tudo bem. Desse tipo de *cult*, entende?”

“De ver filme europeu, aquelas coisas azuladas, mulher com cabeça de leão e tal?”

“É, essas coisas. Só achei meio estranho porque ela falou que também curte o Antonio Banderas e o Rambo.”

“Sério?”

“É, então. Tipo, o Banderas beleza. É ator latino, espanhol... Almodóvar, Buñuel, esses caras. Mas Rambo? Não combina. Se ainda fosse o Rocky... o primeiro Rocky é *cult*, não é?”

“Pode crer. O Stallone fez com grana de filme pornô. O Garanhão Italiano”.

“Nojenta àquela cena que ele come um monte de ovo, né?”

“No Garanhão?”

“Não, no Rocky!”

“Da hora. ‘Adriaan!’”

“Então!”

“E onde você arranhou essa sua cocotinha *cult*, cara?”

“Meu, então... ela não é, ahn... ‘cocotinha’. Ela é, tipo... mais velha. Mais séria.”

“Mais velha quanto? Uns 19, 20?”

“Mais, cara. Ela já tá em mais da metade da faculdade. Quase terminando. Medicina.”

“Cátzo! O garanhão então é você, hein cara? Saindo com a tia? Você só tem 16, velho!”

“E daí?”

“Sei lá. Não é meio, não sei. 16, cara. Não é estranho?”

“O Johnny só tinha 16...”.

“Verdade. Nem fala. Puta merda, João Roberto estúpido. Nem curto lembrar. Eu fiquei até meio depressivo. Todo mundo ficou.”

“E já sabe o que aconteceu? Foi algum problema no carro? Uma curva, um caminhão...?”

“Coração partido.”

“Merda.”

“Pois é.”

“...”

“...”

“Mas enfim, e a sua “tia”, cara? Como vocês se conheceram?”

“Sabe que eu não sei direito? Estranho, né? Outro dia a gente se encontrou, quase sem querer. E daí a gente ficou conversando pra caramba. Quando eu vi, eu tava apaixonado.”

“Uou! Peraí! *Apaixonado*? Tá sério assim?”

“Ah, velho, se pá... Sabe, ela é mó da hora. Cultural, sabe pra caramba das coisas. Tá na faculdade, fala alemão...”

“E tem uns 50 anos.”

“Larga mão. Tô falando sério, cara. Ela é da horíssima. É diferente, tão diferente de tudo que eu conheço.”

“Aposto que você também é diferente de tudo que ela já pegou.”

“Pode crer.”

“Quem diria! Meu amigo, apaixonado! Da hora.”

“Ela é demais, cara.”

“Não duvido. Bom, mas ow, você vai na festa que eu falei? Na sexta? Vai ser legal, a gente vai lá se divertir um pouco. Nunca tem nada pra se fazer nessa cidade... Pode levar sua “tia” também.”

“Putz, sei lá... Aquele povo é meio esquisito...”

“Por isso que vai ser da hora!”

“Bom, vou ver.”

“Vai lá. Té mais então!”

“Té. Tenho que correr, meu vô tá me esperando.”

“Tirou o pó do Estrelão de novo?”

“Pois é.”

“Vai lá então. Marca um gol no véio por mim.”

“Pode deixar.”

“E, ow!”

“O quê?”

“Pensa sobre sexta, hein?”

“Vou ver.”

*

Faixa 2

Hoje eu acordei duas horas mais cedo.

Eu tenho uma vida regrada. Acostumei a ocupar as horas bem planejadas, bem previsíveis. Não é como se fosse acontecer qualquer coisa que pudesse realmente mudar a minha vida. E a vantagem de se viver sabendo que nada de extraordinário vai acontecer é poder se sentir no controle. O que se revelou uma agradável surpresa para mim.

Todos os dias eu acordo às seis e meia. Viro a cabeça para a esquerda e vejo a luz que entra pela janela fechada. Pela intensidade da claridade, eu sei que horas são. Confiro no celular só pela satisfação de estar certo. Estalo todos os dedos das mãos e me sento na beirada do colchão para alongar o pescoço. Levanto e faço o Em-nome-do-Pai-etc por puro costume. Alongo as costas, pego os dois pesinhos de um quilo cada ao lado da cama e exercito os braços. Cinquenta soquinhos no ar.

Vinte e cinco minutos no banheiro, café puro e meio pão com o miolo separado. Perdi o hábito de gastar tempo em frente ao espelho. Só uma olhada rápida para assentar os renegados fios no topo do cocuruto. Ajeito a gravata, verifico o gás, apago as luzes. Não escuto um “bom trabalho” ou que quer que seja antes de trancar a porta.

O caminho para o trabalho é tranquilo, silencioso. Os dias passam em paz, apesar de serem todos os mesmos, iguais. Eu observo as pessoas pela janela do ônibus. Elas passam. Eu me acostumei ao mundo e ele a mim. Para quem está à minha volta, eu sou como aquele sofá velho da recepção ou uma rachadura na parede da casa que você nem repara mais. Parte da mobília, parte do cenário.

Mas hoje é diferente. É o aniversário.

Hoje eu vi aquela menina nova no sofá velho da recepção (aquele, que ninguém repara mais). Ela trabalha conosco há mais ou menos uns dois meses. Podem ser oito, não sei bem. Ela é um pouco vesga mas tem belos olhos escuros. Eu sorri para ela, sentindo as rugas desbravando o caminho por baixo do meu bigode. Ela pareceu surpresa e piscou muito, retribuindo o sorriso. Foi aí que eu vi seus olhos.

No ônibus, na volta, o céu estava ficando escuro, naquela hora terrível em que não há luz do sol nem da lua. E as estrelas... bom, elas ainda estão chegando.

Aprendi a não gostar do escuro. Eu estava olhando pela janela, pensando quando foi que os carros na rua se tornaram tão prateados e sem graça. Vi meu reflexo e percebi que já está na hora de trocar estes óculos enormes.

Ao meu lado havia duas senhoras, muito parecidas em suas saias sem graça e seu cabelo comprido preso em rabos-de-cavalo. Tudo meio gorduroso, ali. Os cabelos, eu digo, não as senhoras. Elas falavam alto, eram estridentes demais. Nenhuma prestava atenção ao que a outra dizia e então, cada uma entoava o próprio monólogo, ambas pontuando o final de suas lamúrias com um “Só por Jesus!” ou coisa parecida. Uns bancos pra frente, um rapaz com fones descendo do ouvido e entrando pela gola de uma camiseta estampada com o Bozo se esforçava, sem sucesso, para conter uma risada. Seja lá o que ele estivesse escutando, parecia realmente engraçado.

Desci em frente ao supermercado e uma moça muito apressada cortou a minha frente para tentar entrar no ônibus. Ela era gorducha, suas ancas balançavam de um modo engraçado enquanto ela gingava em velocidade e batia a mão na lataria, para chamar a atenção do motorista. Começou a esfriar.

Fui direto para as frutas. Precisava comprar maçãs. É difícil encontrar maçãs perfeitas, pequenas, não muito maduras. Com um gostinho azedo, como ela gostava. É uma atividade meticulosa que eu faço uma vez por ano. Não custa nada ter um trabalho a mais para que tudo saia perfeito.

O mercado estava cheio. As pessoas pareciam apressadas e emburradas. Ninguém quer perder tempo à noite, nesse momento de meio termo entre voltar do trabalho para casa. Eu entendo a pressa para finalmente não precisar fazer mais nada e dormir, só para começar tudo de novo no dia seguinte. A liberdade de tirar a calça ou o sutiã. O alto falante estava sintonizado em alguma rádio qualquer, eu não estava prestando atenção. Até que começou uma música. O teclado modorrento e logo se seguiu uma batida sintética bem padrão. Comecei a cantarolar, distraído, sem perceber que isso denunciava, irremediavelmente, a minha idade. Era uma música muito datada.

Alguém percebeu isso porque eu logo comecei a escutar uns risinhos. O rapaz do ônibus também estava escolhendo maçãs, os fones repousando sobre a cara de lunático do Bozo. Não era um riso de escárnio, entretanto. Ele apenas estava achando engraçado. Olha lá o tiozão, ele devia estar pensando, com sua pancinha e sua cara de cansado cantando essa música velhota.

Ele não sabe. E como ele poderia? Ele é um moleque que acha que já viveu muita coisa. Que será que ele está pensando? Eu vivi coisas que deixariam esse semi-virgem de cabelo franjinha paralisado pelo resto da vida dele. Coisas que

fariam ele viajar mais que um esquimó que quisesse ver um canguru. Se ele soubesse...

Mas, claro, não tem como ele saber.

O nome dela era Bia e ela era tudo o que eu nunca fui.

Ela tinha uma maneira de olhar que era quase obscena. Ela era capaz de te sacar no olhar e te expor da maneira mais constrangedora. É como se ela tirasse sua roupa e dissesse *sim, eu estou olhando para o seu pingulim e está tudo bem*. Só para te deixar fragilizado e assumir o controle da situação. Se existe uma coisa a se dizer da Bia, era que ela *estava no controle*. Não importa o que você fizesse. Ela dominava.

E ela era linda da maneira que poucas mulheres sabem ser. Ela usava bem o que tinha. Era possível odiar a garota, de tão infalível e perfeita que ela parecia. Os homens eram garotos perto dela.

Todo mundo queria pegar a Bia e ela se divertia deixando quem ela quisesse triste. Era uma época na qual a gente gastava muito tempo nas ruas, bebendo cerveja em boteco e fingindo que podia entender de filosofia, arte, psicologia. O governo tinha acabado de dar uma amaciada e a gente precisava ocupar o tempo criticando outras coisas. E a Bia assumia o controle, passeando soberana entre as mesas, derrubando teorias da galera que pensava e partindo o coração da galera que passava o dia na praia. Quando ela se cansava daquilo, ela jogava o cabelão para trás, bebia um copo inteiro de cerveja, desnudava uns três ou quatro com o olhar e ia embora no Fiat dela. Ainda mais isso! Ela tinha um carro.

Eu tinha meus amigos, andava de bicicleta e bebia a cerveja para não fazer desfeita. A vida era boa. Eu levava na minha. Não interferia no rumo do mundo, mas também não era totalmente dispensável. Era apenas normal, o que nunca foi defeito. Não gostava de sol e também não ia às festas loucas que a galera frequentava. Nunca fui ao Circo Voador e da praia, só não gostava da areia.

Eu aprendi que coisas estranhas acontecem. E que os seres excepcionais têm uma curiosa tendência de querer ficar perto do que não é o tradicional, do que é diferente, esquisito, a seu modo.

Era uma dessas rodinhas em que as pessoas queriam discutir Freud, Jung, Engels e Marx, mesmo que a discussão não fosse muito além de como se pronunciar os nomes. É difícil explicar hoje, mas é que havia uma real necessidade em se discutir esse tipo de coisa. Não era uma conversa vazia. Ao menos tinha alguma pretensão. Precisava se provar alguma coisa e todos éramos solidários com os devaneios intelectuais dos colegas. Era uma tarde de sábado e

o calor era insuportável. O sol refletia nos vidros do Fiat da Bia lá fora, bem nos meus olhos. Eu me mexia na cadeira de metal, procurando uma posição confortável.

A dona do carro estava parada no balcão e todo mundo olhava para ela. A minha mesa fingia que não, mas a todo o momento alguém alongava o pescoço só para dar uma espiada. Nossa turma fazia questão de não compartilhar, ao menos não publicamente, da religião que adorava a garota mais maravilhosa que já havia pisado na cidade que lhe fazia jus.

Disseram, depois, que ela já estava olhando há algum tempo. Eu não poderia comprovar, estava de costas para o balcão. Mas eu ouvi muito bem o ritmo geral da conversa diminuir na hora em que, dizem, a Bia pediu duas garrafas geladas para o Seu Alípio.

Ela ignorava com maestria os olhares curiosos, o anseio da galera para ser dono daquela segunda garrafa. Eu não senti a decepção de quem via a garrafa passar em frente aos seus olhos e seguir adiante. Eu não senti a emoção de ainda estar à frente do objeto cobiçado. Tudo o que eu senti foi o contato do vidro muito frio na minha nuca. Me recolhi de uma maneira instintivamente ridícula e olhei para trás. O sorriso de dentes muito brancos seria capaz de derrubar um daqueles homens fortes dos circos do começo do século, aqueles caras de tanguinha, cabeça raspada e bigodão que levantavam aqueles pesos com duas bolotas que pareciam jabuticabas gigantes. Ela me convidou com a cabeça para sentar em uma mesinha vazia e eu obedeci, automático.

Conversamos. Eu nunca tinha conversado tanto com nenhuma garota. Ou ouvido tanto uma garota falar. Demorou um tempinho para eu conseguir responder a contento. Ela falava várias coisas, sobre os mais variados assuntos e não foi sem surpresa que eu constatei que a Bia era uma garota realmente inteligente. Eu não sei se alguém já havia parado para pensar a respeito.

Ela passava com desenvoltura por uma série de assuntos. Faria inveja no pessoal da minha mesa. Embora, eu desconfiava, eu não precisasse realmente de mais nada para fazer inveja naquele pessoal.

Ela era ainda mais magnética do que eu poderia imaginar. Ela comandava a conversa, mudava de assunto a hora que queria e me fazia sentir insignificante. Ela estava no controle, é claro. Mas, logo, a minha sensação de incapacidade foi escorrendo por um ralo e eu percebi a importância de estar ali. Era, afinal, A Bia e eu estava sentado com ela, conversando. Me senti um igual. Ela estava dominando a situação, é claro. Algumas pessoas são, mesmo, *mais* que as outras. Mas eu estava lá, era a minha companhia que ela queria.

A Bia disse que já há algum tempo que reparava em mim. Por quê? Por eu fazer questão de não querer reparar nela, ou por eu parecer deslocado até mesmo dentro do meu grupo ou porque ela simplesmente simpatizava com patinhos feios? Sei lá. O fato é que ela reparou. E ela estava gostando da minha companhia.

O sol foi baixando e ela me perguntou se eu não queria uma carona. Momento sublime. Não tem como ficar impassível diante disso, não importa o que eu quisesse dizer. Deixar o boteco do Seu Alípio para entrar no tão almejado Fiat, diante dos olhos de todo mundo... O que, naquela época, poderia se comparar a isso? É um sentimento nobre, a capacidade de provocar a mais pura inveja nas pessoas. Você pode levar sua vida regrada e fingir que não se importa com o que os outros pensam. Até o momento em que você tem a oportunidade de sapatear em cima do que os outros pensam.

A Bia conseguia o que queria e, naquele momento, por qualquer motivo, foi a mim que ela quis. Você não deve perder tempo indagando as dádivas, você deve aceitar como se fosse a única coisa que importasse. Sentir aquele corpo próximo do meu, aqueles lábios sussurrando e procurando os meus... Aquilo *era* o mundo, não importava o que dissessem. Ao longo da semana, a Bia foi a minha vida, o meu cotidiano, meu universo. Era, eu tinha certeza, o único momento que eu deveria realmente viver de verdade. Era o meu testamento a contar para minhas gerações futuras. Logo a Bia iria procurar um novo interesse, porque era assim que ela fazia. As dádivas, como eu disse... Não devem ser questionadas. Veio o convite.

“Angra?”, eu repeti.

“Isso. Meus pais têm uma casa lá. Fim de semana inteiro, a gente faz um piquenique. Que você acha?”.

“Eu tenho que achar alguma coisa?”, eu me ouvi, lamentavelmente, dizendo. Ela deslaçou aquele sorriso assassino e, para todos os efeitos, já tinha minha resposta. Ela usava meia-arrastão e camiseta rasgada. O que mais eu poderia dizer para aquela mulher?

Ela buzinou o Fiat na frente da minha casa, uma daquelas construções antigas de muro baixo coberto por pedras. Eu abri a porta de vidro e descí as escadas, pulando o portãozinho baixo. Queria parecer descolado com meus óculos escuros e o meu *short* da seleção.

“O que é isso?” ela perguntou baixando os óculos e olhando para as sacolas sobre o meu colo.

“Comida. Fruta. Para o piquenique”.

Ela me olhou quase com ternura e depois deu uma risada longa e gostosa. Me senti um pouco envergonhado. Depois ela me puxou pelo queixo e deu um beijo demorado. Eu ainda recuperava o ar quando ela engatou a primeira e aumentou o toca-fitas. Uma bateria elétrica tocava animada e eu comecei a cantarolar, mas ela enfiou uma cassete e uma música tocada por macacos raivosos, ao que parecia, tomou conta do carro.

O lugar era lindo. Parece piegas dizer assim, mas o lugar *era* lindo. Eu estava acostumado com paisagens maravilhosas – via todas elas pela janela do ônibus – mas aquele cenário ia além de qualquer coisa que eu poderia imaginar. Naquele dia eu até gostei de praia, mas, claro, poderia ser influência daquele biquíni verde. Nós andamos pela areia, entramos no mar e vivemos o dia mais incrível que se poderia viver. A praia era nossa, o mundo era nosso.

Quando o sol começou a se pôr, minha mente começou a se encher de referências românticas de filmes e literatura de banca de jornal. Era assim que eu era. Eu queria viver um momento Kodak, por assim dizer. O cenário era próprio demais para um romance clichê. Quem sabe um sexo sob o pôr do sol? Seria bonito pra caramba! Mas não era o que a Bia tinha em mente.

“Vamos pra usina?”, ela perguntou com aquele ar de quem já sabe a resposta. Levou algum tempo para eu entender o que ela estava propondo. O céu já estava de um laranja escuro e uma pintura da minha ideia anterior insistia em ilustrar a minha mente.

“Que usina?”, eu respondi depois de conseguir afastar as imagens da cabeça.

“Como, que usina? Angra, pô!”

Eu fiquei sério pela primeira vez desde que a gente estava junto. Eu entendi o que ela estava propondo e, simplesmente, não me parecia uma boa ideia. Ela queria claro, ser rebelde ou qualquer coisa assim. Já que as pessoas se curvavam, inevitavelmente à sua vontade, todo o resto do mundo deveria seguir esses passos. Não se tratava simplesmente de invadir propriedade privada ou qualquer coisa do gênero. Era imprudente fazer aquilo. O lugar não era seguro, ou pelo menos é o que muita gente falava na época. Havia protestos, reclamações, gente que ia aos jornais e à TV pregar contra o lugar. Chernobyl havia acabado de acontecer e isso estava muito fresco na cabeça de todo mundo. Ninguém sabia o que poderia realmente acontecer ali, mas a dúvida era o suficiente para criar a repulsa e o medo. Ninguém ainda poderia antecipar, é claro, que o problema viria só depois e longe dali, em Goiânia. De toda forma, a usina era o assunto de terror da moda.

E, se era a moda e era errado, a Bia queria. E ela sempre conseguia o que queria.

“Bia, eu não sei. Existe o perigo... Olha esse céu, a casa só pra gente...”

“Sabe qual é o seu problema?”, ela perguntou, os escuros olhos brilhando forte, “você tem medo da vida. Você tem que encarar a vida como uma música dos Ramones: estranha, forte e muito rápida. Logo logo, a música acaba. E você, meu bem” ela me deu um tapinha no rosto “tem que ouvir no volume máximo!”

Não foi tão difícil quanto eu pensava, invadir uma propriedade privada. Não é difícil se o lugar não é vigiado. Já estava escuro e as luzes das nossas lanternas competiam com a lua, que às vezes se escondia atrás de algumas nuvens. Estava frio e eu joguei um moletom sobre o peito, apesar de ainda estar de *shorts* azuis. A Bia também estava de *shorts*, ainda mais curtos que os meus, e tinha jogado uma camiseta larga por cima do biquíni.

Nós paramos atrás de uma parede grossa que cercava um prédio arredondado. À nossa frente, a vários metros, o piso terminava, cercado por uma grade, e era possível ver o mar que balançava calmamente, às vezes refletindo a lua em ondas mansas. À nossa esquerda, as construções faziam uma curva e se estendiam, longe. Havia uma calma nervosa ali, um silêncio que me incomodava. Mas eu sabia que era só a minha incapacidade de relaxar.

A Bia estendeu um cobertor que ela tirou de dentro de uma mochila *hippie* presa com cordões que pareciam cadarços grossos. Com um movimento lento, jogou os cabelos longos e volumosos por cima da cabeça, para a direita. Ela me olhava com curiosidade e desejo.

“Que você me diz de a gente brincar perto da usina?”

Eu perdi a referência, por um momento, de como era estar no planeta. Minha mente foi para longe de mim e não voltou a tempo de exprimir uma reação adequada. Eu só engoli em seco e tentei não estragar o momento.

Ela tirou, lentamente, a camiseta e soltou o biquíni com uma paciência oriental, desfrutando cada fração de instante daquela ação, sentindo o ritmo do meu coração que batia mais alto do que a bateria do Keith Moon.

Ela se aproximou lentamente de mim, sabendo que eu tentava registrar cada um daqueles movimentos calculados na memória. Ela me abraçou e sentiu algo estranho em mim.

“O que é isso?”

Eu levantei a sacola.

“As frutas. Eu trouxe. Caso dê fome”.

Ela me encarou, por alguns instantes, e depois balançou a cabeça e sorriu, como se dissesse *o que eu faço com você?* E então me beijou com toda a paixão que ela podia oferecer naquele momento.

No começo, não foi a luz que chamou a atenção, mas as sombras. Por um momento, nós poderíamos até esquecer que horas eram e realmente acreditar que era o ponto mais alto do dia, tão clara estava a usina. As sombras que se avolumaram nas paredes à direita cresciam com fúria, parecendo monstros que saíam de seus esconderijos para pegar os desavisados. Eu vi as sombras primeiro e depois a Bia virou, assustada, se cobrindo por reflexo.

Durou pouco mais do que uns instantes e foi tão silencioso quanto um beijo jogado na brisa. Mas em nossas mentes teve o poder de uma explosão atômica e levou algum tempo até eu perceber que a Bia gritava, em pânico, segurando a camisa em frente ao corpo. Eu estava paralisado, entre o fascinado e o horrorizado por aquela luz súbita.

A Bia tremia e juntava o cobertor atrapalhadamente dentro da bolsa. Ela falava coisas, várias coisas, rápido e alto. Eu podia perceber que ela estava nervosa, porque eu olhava e via sua boca se mexendo de forma frenética. Mas eu enxergava tudo muito devagar e sem ouvir nada, como se assistisse a uma exibição de fotografias em sequência, bem devagar.

“... fora daqui!” eu ouvi ela gritar e o mundo recuperou seus sons e movimentos. “Que merda! Pra onde é que a gente vai fugir se essa merda estourar? Me diz! Pra onde?”

Imagens de uma cidade fantasma, cinza e triste me vinham à mente. Prédios pela metade, chamuscados. Parques desertos e brinquedos jogados num chão de grama alta e amarelada, onde crianças deveriam estar brincando. Eu piscava repetidas vezes e demorou um pouco para a vista se acostumar de novo.

“Calma. A luz já se apagou, não foi nada” eu me ouvi dizendo, bastante pacífico. A Bia não prestava atenção em mim. Fechou a mochila e me puxou pela mão. Eu não me mexi.

“Mas que merda! Anda logo! A gente tem que cair fora!”.

Eu não soube explicar. Num momento, eu não tinha mais medo. As imagens sumiram da minha cabeça e inexplicáveis bons pensamentos tomaram lugar. Eu tinha visto a luz e estava vivo. Ela era boa, de alguma forma. Eu olhei para a garota ao meu lado e por um momento fugidio, não a reconheci.

Toda a beleza ou o que fazia a Bia ser tão incrivelmente atraente desaparecera. Ela era só mais uma pessoa aterrorizada, assustada como todo mundo. Ela não soltou a minha mão.

“Você... a... mas que merda!” Seus olhos eram um misto de pavor e súplica. Eu recolhi a minha mão. “Que se foda!” eu a ouvi dizendo antes de sumir de vista.

Eu estava em paz e curioso. Não podia ir embora sem entender o que havia acontecido. Antes que me desse conta, percebi que estava correndo na direção em que surgira a luz. Não podia saber exatamente de onde viera, só sabia que era à esquerda, sempre.

Ao dobrar uma esquina, estanquei, nervoso. Um vulto que eu não conseguia identificar estava parado, bem no limite do deque, as mãos apoiadas na grade de segurança, olhando para o céu. A lua surgiu por detrás de uma nuvem e iluminou a garota.

Não sei explicar o porquê, mas a sensação que eu tive era que olhava para várias décadas, vários tempos diferentes. Ela vestia uma calça larga, uma sandália de dedo e uma blusa fininha que cobria os braços. Ela percebeu a minha presença, sorriu rapidamente para mim e se balançou nas pontas dos pés.

“Supercalifragilisticoexpialidoso!”, ela disse.

Eu pisquei algumas vezes, paralisado. Então disse:

“O quê? Isso, ahn... isso não é Disney ou sei lá?”

Ela olhou de novo para mim e levantou os ombros, feliz. Os cabelos longos e cacheados balançaram com o movimento rápido.

“Você é uma dísnei?”

“Hein? Não, ah... Você viu a luz aqui?”

“Vi... vi sim. Chocante, não é?” ela respondeu, séria. Eu me aproximei e ela me olhou, o semblante fechado. Então deixou passar uma risada, mal contida, o ar escapando pelo nariz. Voltou a olhar para o céu. Pude perceber que seus olhos eram claros e brilhavam de uma maneira que eu nunca vi.

“Você se machucou?”

“Só o de sempre. Você sabe o que eles dizem. Que fica mais fácil. Isso é balela.”

“Entendi”, menti. “O que você está olhando?”

“O de sempre também.”

“Você está aqui há muito tempo?” perguntei, subitamente envergonhado ante a possibilidade de ela ter escutado algo com a Bia.

Ela olhou para mim, fazendo uma careta, revirando os olhos.

“Olha... muuuito tempo, não. Eu sou Nova. O que não quer dizer,

exatamente, que eu seja láááá antes de sempre, sabe? Só às vezes é o que parece, mas é porque é realmente difícil de contar. Às vezes ninguém sabe com certeza.”

Concordei com a cabeça.

“Certo. Então, você não é daqui?”

“Daqui, você diz?” ela levantou as sobrancelhas. “Como eu disse, às vezes. Eu já fiquei muito tempo parada no mesmo lugar, então foi que eu descobri que eu não precisava ficar só lá. Então eu saio, entende? Mas é só um pouco.”

“Entendo. Eu estou a vida inteira aqui também, nunca saí”. Ela concordou com a cabeça, entusiasmada. “Então, como era... lá? De onde você vem?”

“Ah, chato. Escuro. Frio. Mó bode. Aí agora eu viajo.”

“Você está de férias?”, perguntei, pensando nos ônibus de turistas que eu vi enquanto a Bia dirigia para Angra. Ela me olhou satisfeita, aquiescendo com a cabeça.

“Isso aí. Férias!”

Ficamos algum tempo olhando a paisagem. Ela olhava o céu e eu via as estrelas refletidas na água. Nunca havia sentido tamanha afeição por ninguém a minha vida toda. Ela então olhou para a minha mão.

“O que é isso aí?”

Me dei conta de que ainda segurava a sacola do supermercado.

“Comida. Você está com fome?”

Ela pensou por alguns instantes.

“Pode ser” e balançou os ombros, incerta. Abaixou a cabeça para a sacola, arrumando os cabelos cacheados atrás das orelhas. Eu peguei uma maçã e ofereci. Ela ficou olhando para mim.

“Pode comer”, eu disse. Ela pegou a fruta com cuidado, cheirou e não pareceu convencida pelo resultado. Então deu uma mordida. Mastigou um pouco e seu rosto se contorceu em uma careta involuntária. Ela balançou a cabeça, espantando o mal estar e depois deu outra mordida, animada.

“Azeda!”, ela explicou, de boca cheia. Eu me senti subitamente envergonhado pela minha maçã.

“Me desculpa...” eu comecei.

“Gostosa!”, ela declarou, para encerrar o assunto. “Gostei dessa maçã!”

“Eu tenho uma pêra aqui também” eu disse, estendendo a fruta de dentro da sacola. Ela pegou e repetiu o processo de cheirar. Decidiu que não queria e jogou

a pêra por cima do ombro, no mar.

“Maçã!” ela disse, me mostrando a fruta. Eu estava feliz e nem sabia explicar direito o porquê.

Depois que ela comeu a maçã inteira, com semente e tudo, ela se sentou, de costas para a grade e me convidou para acompanhar. Eu aceitei. Ela então me contou como gostava de viajar e conhecer os lugares, por mais doloroso que pudesse ser. Ela me descreveu a sensação de flutuar no nada e sentir a poeira fria deslizando pelo corpo. A alegria de estar aqui e ali e perceber como qualquer coisa, por maior que fosse, ainda assim era minúscula. Eu contei que naquele dia eu vi o sol se pôr e ela retrucou dizendo que já viu um sol nascer. Eu disse que tinha aprendido a gostar da areia e ela falou que amava o céu.

A noite foi passando e ela, cansada, se aninhou no meu ombro, fechando os olhos por um instante. Eu olhei o desenho perfeito do seu nariz, a maneira como os cabelos caíam graciosos por sobre os ombros. Vi como seu peito subia e descia, respirando profundamente, mais profundamente do que qualquer pessoa que eu já vira. Eu a abracei. Senti seu coração perfeito batendo contra o meu peito e súbito se abateu a maior das tristezas sobre mim. Eu sabia que era à toa e isso doeu. Foi meu pensamento egoísta. Eu sabia que ela não podia ficar e que aquele momento iria se perder na imensidão do espaço. Eu quis que as coisas não fossem como elas deveriam.

Ela se arrumou do meu lado e pousou a mão sobre o meu rosto e olhou fundo nos meus olhos. Um calor sem igual invadiu meu corpo todo e eu tive um vislumbre do que era seu mundo. Compreendi, em silêncio, e aceitei as regras.

“Que horas são?” ela me perguntou, tempos depois. Eu olhei no meu relógio de pulso.

“Quatro e meia.”

O sol começava a despontar, bem longe e fraco e as últimas estrelas se recolhiam no céu. Ela não disse mais nada. Me abraçou forte e brilhou como nunca. Senti o nosso corpo em chamas. Seu rosto lançou um último sorriso e seus olhos refletiram toda a luz do mundo. As chamas se tornaram mais intensas e logo ela desapareceu.

O que sobrou para mim? Eu encaro minhas maçãs e me lembro. Às vezes, quando eu nem mesmo quero admitir, eu me pego imaginando de que maneira é possível simplesmente viver, um dia após o outro, depois daquele encontro. Soa quase como uma maldade. Bom... qual é a opção? Ao menos eu tenho alguma coisa que nunca pode ser tirada de mim. Sigo meu caminho e nunca deixo de me

surpreender ao ver as pessoas caminhando todos os dias, encarando taciturnas os próprios sapatos, enquanto ignoram que existe todo um céu lá em cima. Não é apenas triste. É um desperdício.

Mas então, eu entendo. Sabe qual a vantagem de ter a certeza de que o mais incrível que poderia acontecer na sua vida já veio e passou? É a sensação de controle. Carrego a lembrança, que me consola, e a certeza da paz futura. Hoje, eu vivo tranquilo, todos os dias que são iguais. Aliás, todos não. Existe o aniversário.

É só hoje que eu como minhas maçãs, olhando para as estrelas.

*

Faixa 3

Engraçado as coisas que a gente lembra nessas horas.

Lembro que quando eu era pequeno tinha um cachorro na TV Colosso que vivia falando de um primo que morava na Nova Zelândia. Eu ficava admirado, porque “Nova Zelândia” tinha nome de lugar inventado. Eu não sabia com certeza se existia de verdade.

Até que um dia eu perguntei para minha mãe se era real e onde ficava. Acho que ela entendeu eu dizer “Ceilândia”, porque me respondeu “Ué, logo aí do lado. Onde mora o seu primo”.

É, eu tinha mesmo esse primo, que não morava na Nova Zelândia, mas era quase. E ele também era cachorro, só que Louco. Ele trabalhava na capital e passava o dia todo correndo de um lado para o outro com a moto. Até um dia que ele parou de correr. Bom, não foi ele quem quis. Na verdade, *pararam* com ele. Essas coisas acontecem. Cê entendeu.

Só que antes disso ele passou a moto para mim. Não de verdade, só jeito de falar. Quando eu já podia parar em cima de qualquer coisa mais rápida que uma bicicleta, ele me arrumou um trabalho. Naquela época, eu era muito magrelo, desajeitado. Bastava girar o acelerador, e eu quase voava longe. Mas fazer o quê? Eu precisava trabalhar, todo mundo precisava. E foi assim que eu também virei Cachorro Louco.

Se você acha que é fácil, é porque nunca fez. A gente é aquele tipo de coisa que ninguém vê, a menos quando algum retrovisor sai voando, coisa do tipo. Mas a gente é unido, isso não dá pra negar. E precisa ser. É verdade que o mundo é uma selva. E já que a gente desistiu de ser predador, de estar por cima, pelo menos dá pra correr bem rápido.

O problema é que todo mundo quer tudo pra ontem. É coisa dos eletrônicos, globalização, o escambau. Você acha que dá pra ir mais rápido que o pensamento e dá mesmo. Só que às vezes você precisa de um carimbo, uma assinatura. E esse carimbo, essa canetada, estão do outro lado da cidade. Não dá pra imprimir, fax, iCoisa, esses trecos. Quem eles chamam então? Pois é.

É aí, meu amigo, que está a contradição dessa vida. Eles querem tudo muito rápido. É pra ir de uma Asa pra outra, correr toda a porcaria do avião e estar de volta em quinze minutos com o tal carimbo num papel que vai ficar jogado numa

gaveta até amarelar. Essa urgência de momento, sabe? Só que quando você chega no tal lugar, parece que demora uma vida inteira! É mais ou menos assim:

Precisa? Sim. Pra agora! Você tá aí ainda? Corre, pô! E monta dá partida acelera sai olha a frente mal aí breeeeeeeca olha a criança! Mal aí e corre olha o carro olha a bandeira ei, eu vi esse cara na TV ontem, desvia olha o retrovisor seu estúpido maaal aí corre pára vai olha que saúde! Continua faz a curva chegou e olha e olha e olha e onde tá eu não sei e sobe e sobe e sobe qual andar oi por favor sabe onde... não tudo bem calor barriga roncando putz é aqui oi por favor o carimbo aqui...

O quê? Não, eu sei, eu entendo, mas você não pode carimbar? Não, eu sei, tá... a pessoa que carimba tá no intervalo dela. Sim, eu sei. Senhora, só me mandaram aqui, eu... sim, eu sei. Mas o carimbo está aí do lado, eu estou vendo. A senhora não pode... tá, tudo bem.

Espera. Olha pro relógio. Puta merda! Barriga roncando.

O quê? Chegou a... não? Tudo bem.

O joelho se mexe, nervoso. Eu não tô fazendo nada, ele está se mexendo sozinho. Ai! Saco, acabei de arrancar aquela pelinha do lado do dedo. Cuspo longe a porcaria da pele. Não senhora, desculpa, não vou mais cuspir aqui. Olha, será que... não? Tudo bem. Eu espero.

A gorducha foi pegar um café. Ninguém ali. Será que...? Beleza! Ninguém viu! Rá! Levou uma carimbada na mesa também! Só vai ver quando voltar. Se voltar, não é gorducha? Conheço bem seu café!

E pega a moto e pisa e pisa e pisa e pisa e saco por que não vai e pisa e pisa e opa! Foi e aperta e empina e oooopa polícia ali na frente e tira o capacete do cotovelo e põe na cabeça e corre e acelera maaaal aí minha senhora e olha o sinal vai que dá desvia patina mas não cai por pouco e vai e etc.

E para.

E tudo de novo, corre mais uma vez.

E foi assim meu dia. E lá estava eu correndo e parando e esperando. E correndo de novo e correndo e correndo e atravessando a cidade como um raio, Shazam! Porque Cachorro Louco não para, meu amigo... a gente só para por um motivo.

E olha essa galera aqui. Eles estão parados. E comentando. Claro, eles adoram isso! Vão ter assunto em casa. Vão render uns 15 minutinhos no café. Eles parecem animados e gesticulam e falam bastante. Falam o que mesmo? Acho que culpando alguém, como sempre. Ou falando que as ruas não são

seguras, o que dá tudo na mesma. A animação é quando se pode reclamar um pouco.

É uma novidade no dia, esse sangue aí no asfalto. O pessoal pausa o dia para ver. Mas precisa ficar todo mundo amontadoado assim? É só sangue! Ei! Esse sangue não me é estranho... Ai, droga.

Olha a galera de branco aí agora. Oi, gente! É engraçado o que a gente lembra nessas horas. Sabe a TV Colosso? Então, eu tenho um primo que... o quê? Sem falar? Ok. Imobilizar o pescoço, saquei. Ufa. Pelo menos um descanso no dia. Por um tempo, só deitado agora. A vida não pára, meu amigo!

Falou, galera! Valeu por me assistir! Podem voltar pra casa agora, vocês vão perder a novela. Ei, novela! Será que eu vou passar na televisão?

*

Faixa 4

O rapaz ajeitou os óculos mais para cima do nariz para poder observar melhor a paisagem através do vidro fechado. Conforme o carro cruzava a ponte e a fachada do casarão ia se definindo em contornos imponentes, o lábio inferior ia se afastando cada vez mais de sua contraparte, dando ao rosto barbudo uma expressão engraçada de perplexidade.

O veículo começou a reduzir, raspando os pneus nas pedrinhas do caminho. Parou, com um solavanco, deixando a porta traseira em frente aos degraus que levavam ao portal de madeira escura e pesada. Como o passageiro não dava sinais de ter captado a deixa, o motor roncou mais uma vez, em tom de aviso. O barbudo piscou algumas vezes, murmurou um pedido de desculpas e desceu. Mal a porta bateu, o carro arrancou novamente, jogando pedrinhas no ar como se fossem pipoca na panela, contornou a fonte e desceu a encosta da colina em direção à ponte.

A grande porta maciça rangeu bem devagar, um convite lento e preguiçoso de um fim de tarde quente de primavera.

Veeeeeeeeeeeeeeenhaaa..., ela parecia dizer.

Uma lufada de ar serpenteou para fora da porta, e atingiu em cheio o recém-chegado, fazendo tremular sua bata de algodão. Num instante, lhe veio à mente algumas lembranças da infância. Era daquelas crianças que gostavam de experimentar coisas, por motivos de “por que não?” e uma bela tarde, estando de frente para uma xícara fumegante de chá achou que seria interessante colocar ali uma pedra de gelo. Meio que para ver o que acontecia, meio que porque não estava realmente a fim de tomar chá. Quando experimentou sua nova invenção, teve a mais estranha das sensações. O chá continuava quente, é claro, mas podia sentir – podia quase *ver* – uma linha esbranquiçada de líquido gelado que passava pelo meio do seu paladar. Aquilo foi esquisito, desagradável, algo que ele jamais repetiu e esperava sinceramente que nunca sentisse de novo.

Mas como a vida é mesmo cheia dessas, lá estava ele. O bafo de besta faminta que escapou pela porta que se abria trouxe aquela incômoda sensação de *déjà vu*, despertando lembranças que ele pretendia reprimir. Sua pele se esquentou como se tivesse sido jogado em óleo bem quente e seus ossos congelaram. Um petit gateau ao contrário.

Estremecendo, enxugou o suor da testa e deu o primeiro passo, porque não tinha muito mais o que podia fazer. Uma buzina, ou quase isso, chamou sua atenção e ele girou a cabeça por um instante, deitando um olhar confuso nos veículos, ou quase isso, que se enfileiravam na entrada da mansão.

“Festa estranha”, pensou. “Com gente esquisita”.

E, enquanto entrava no casarão, completou:

“Eu não tô legal...”

Havia algo no saguão de entrada que cheirava a qualquer coisa de medieval: pé direito alto, longas escadarias que se encontravam no andar superior, armaduras de ferro, muita madeira e ferro pesado nas paredes. Mas, além de tudo, a atmosfera ofensiva e potencialmente perigosa, que indicava o perigo iminente e o risco de morte a cada esquina. É, devia ser isso.

Não, ele sacudiu a cabeça, afastando aqueles pensamentos. Estava exagerando. Não poderia ser nada tão mal assim, poderia? Afinal, o convite no bolso anunciava “*Um evento em sua homenagem*”. Quem, em sã consciência, convidaria alguém para uma festa só para poder causar algum mal? Não é mesmo? Não?

“Ah, carambinha! Me perdoa, eu...”

“Você não me viu. Não é? Tudo bem... Ninguém me vê. Mas obrigada por pisar em mim. É o primeiro contato que eu tenho em... Poxa. Quanto tempo faz mesmo?”

O rapaz se inclinou para oferecer a mão à moça sentada no chão. Ela parecia verdadeiramente desanimada. Talvez desanimada o suficiente para não demonstrar nenhuma intenção de receber a mão estendida ou sair do seu lugar. Ela apenas suspirou fundo.

“Você está bem? Vai acabar se machucando aí. Está no meio do caminho.”

“Eu estou? É... Acho que estou. Me desculpe... Não quis incomodar.”

“Não, não é esse o ponto! Quero dizer... É perigoso. Você tem que sair daí.”

A moça apanhou uma baratinha que passava por ali e, com movimentos deliberadamente lentos, ergueu o inseto à altura dos olhos grandes e lacrmosos.

“Ela não é lindinha?”, perguntou. O rapaz coçou a nuca, buscando algum tipo de apoio em qualquer um que pudesse estar passando no momento.

“É sim. Eu acho. Por que não?”

“Lindinha de tudo...”, continuou a mulher, como se não estivesse prestando

atenção. “Pena que em breve ela vai estar... Oh, ela vai estar morta.”

“Morta, é? E por quê? Você não vai, ahn... Você não vai *comer* isso, vai?”

A mulher ergueu os grandes olhos marejados para o rapaz, com a agilidade de uma tartaruga praticando lian gong.

“É claro que não. Ela vai morrer porque... todos nós vamos morrer. Hoje.... Em breve.”

O barbudo prendeu a respiração, vidrado. O suor que escorria pelas suas costas não era um bom sinal. Aquela conversa definitivamente não estava ajudando no moral. Por que é que estava naquele lugar, afinal de contas?

“Por que você está dizendo isso, moça? Você sabe de alguma coisa? Moça? Ei, está tudo bem? Fala comigo. Você está... Você está meio azul ou é impressão minha?”

Mas ela não parecia disposta a falar mais nada. Afundou o queixo no peito e suspirou profundamente, matando algumas plantas que repousavam em vasos ali perto.

Aquilo foi o recado definitivo que o rapaz precisava para ir embora. Se antes não estava confortável, agora poderia dizer que estava levemente aterrorizado. Discretamente, fingiu tirar uma poeirinha da manga de sua bata branca enquanto recuava devagar em direção à porta. Com sorte, conseguiria escapulir sem ninguém notar.

O garçom deslizou por uma passagem em arco à esquerda, primeiro a cabeça e depois deixando a bandeja e o resto do corpo surgirem. Empurrou uma taça para a mão do convidado e escorregou para o outro lado.

“Ah, obri... gado.”

Mas o garçom já estava na outra ponta do salão. Bom, pensou o rapaz, ajeitando os óculos. Uma bebida não faria mal. Apenas uma, para não dizer que a tarde havia sido um desperdício total. Experimentou o drinque, bebericando de leve a borda da taça, mas desejou enormemente não tê-lo feito: cuspiu, discretamente, o líquido rosado de volta e, olhando casualmente para o lado, regou a plantinha que estava por ali.

“Uooooooooou! Agora que eu tô cuca fresca!”, exclamou a plantinha, que na verdade não era uma plantinha, mas uma mulher de figura excepcionalmente bem construída com um enfeite espalhafatoso de plumas verdes na cabeça e trajes apenas o suficiente para que não se pudesse dizer dela que estava totalmente nua. O rapaz deu um gritinho de susto e pulou para o lado quando a mulher se ergueu, uma cabeça mais alta do que ele, e começou a dançar alegre,

espalhando um pouco de purpurina pelo ar.

“Ai, meu São Paulo, São João, São Francisco e São Sebastião! Me desculpa, dona! Hoje eu estou um desastre!”

“Desculpa pelo quê, fofo?”, perguntou ela, sem perder o rebolado.

“Seu chapéu!”

“É um cocar, meu belo.”

“Seu cocar então!”

“Não molhou nada, meu príncipe! Fica tranquilo! Uooooou!” - deu um giro e rebolou as ancas.

“Mulher, você tá pegando fogo!”, gritou ele. Quando ela se levantou, as plumas, embebidas no terrível líquido cor de rosa encostaram no castiçal perto da porta e se incendiaram.

“MUITO OBRIGADA, seu gracinha! Agora dança comigo!”

“Não! Ei, o que você...”

Mas ela não estava mais nem escutando. Apanhou ele pela cintura e improvisou uma conga. Com o olhar triste, ele ficou encarando a saída que se afastava. A mulher o conduziu por uma porta e depois outra e mais outra e logo o rapaz perdeu o rumo de onde estava. Por mais que quisesse, não conseguia se desvencilhar da animada sambista, que não parava de dançar por nada. Até que fizeram uma curva errada por trás de uma coluna e deram em cheio num grande armário de madeira maciça. A mulher caiu desmaiada no mesmo instante. Por sorte, ele ainda conseguiu desviar a tempo. Com o pé, ele afastou o chapéu em chamas e saiu de fininho.

Encostou em um busto de mármore de algum grande general do passado, famoso, segundo a plaquinha de metal, por matar um grande número de pessoas diferentes dele. Com a mão na testa, o barbudo enxugou o suor, tentando entender o que era tudo aquilo que estava acontecendo naquele lugar. Enquanto pensava, acabou – por acidente, é claro – entreouvindo uma conversa que acontecia a uns poucos passos de onde estava. Uma moça alta, muito bonita e com um nariz um pouco maior do que seria a proporção ideal de seu rosto, tinha os braços cruzados e os grandes olhos amendoados encarando o teto. Falava com um homem forte, de braços à mostra, em um tom entre o lastimoso e o puramente irritante, enquanto brincava com uma belíssima flor colorida em seu colar primaveril.

“Ai, eu quero *morrer*!”

“Mesmo?”, o homem bronzeado interrompeu o drinque na metade do

caminho e levantou uma sobrancelha, subitamente interessado no assunto.

“Não, Thanatos! Não de verdade. Ai, por que você tem que ser tão *literal* o tempo todo?”

“Ah”. Ele deu de ombros e encostou os lábios na taça.

“A minha vida é um inferno. Sabe, a vida não seria tão ruim...”

“Ah, é sim! A vida é um fardo terrível. Só mesmo na morte você descansa, sabe? É um bálsamo!”, e, tomando mais um gole, acrescentou baixinho “Pelo menos foi o que eu ouvi...”

A mulher revirou os olhos, impaciente.

“A vida não seria tão ruim SE – posso completar? Você me deixa? Obrigada – se não fosse aquele inverno. Eu odeio frio! Odeio, odeio, odeio! Aquilo não é saudável pra mim

“Você está meio magrinha mesmo.”

“Eu não tenho comido direito...”, queixou-se ela, correndo as mãos pelo vestido colorido.

“Hmm... será que você morre?”

“THANATOS!”

O grito assustou o barbudinho, que esbarrou na cabeça grande e careca do general e derrubou o busto, causando uma tremenda confusão. O casal olhou para ele, em tom de repreensão. Envergonhado, meteu as mãos nos bolsos e sumiu dali o mais rápido possível. Já estava conformado com o fato de que não conseguiria deixar aquela mansão tão fácil. De toda forma, o ambiente estava uma confusão tão peculiar, que aos poucos foi até mesmo perdendo o interesse de ir embora.

Continuou caminhando a esmo e acabou entrando em uma grande cozinha de azulejos azul esverdeados, com uma enorme bancada de madeira no centro. Ali, encostado, um homem muito pálido, com profundas olheiras choramingava para um rapaz extraordinariamente bonito, que contemplava o próprio reflexo na superfície polida de uma frigideira que pendia do teto.

“É a Persephone, Eros... eu... eu não sei mais o que fazer com ela”, lamentava o homem pálido. “Eu dei de tudo para ela! Pelo Olimpo, eu criei *estações* para ela! O que mais uma mulher pode querer? Me diz! O quê?”

O rapaz fazia biquinho para a própria imagem. Deu uma piscadinha.

“Eu estava pensando...”, continuou o tristonho. “Será que você não teria por aí, de repente, uma poção de amor ou coisa parecida? Se você tivesse, eu

poderia... Eros! Pare com isso, seu moleque besta! Não se lembra do que aconteceu com o Narciso?”

“Ai!”, queixou-se Eros. “Tá bom, não precisa ser grosso!”

“Essa juventude...”, bufou o outro.

Foi neste momento que uma gritaria tomou lugar ali perto. Os dois homens na cozinha ergueram os queixos, interessados. Todos pareciam estar correndo para uma porta nos fundos que levava a um jardim carregado de flores multicoloridas, onde havia ainda uma curiosa mesa, com ares místicos e bolas de cristal ornamentais.

Encostada à mesa, uma senhora com banca de aristocracia forçava um grito lamentoso. Ela se apoiava nas bolas de cristal, levando uma mão à testa em um gesto teatral e ameaçava desfalecer a qualquer momento. Abrindo um olho, avaliava a multidão que se aproximava. Quando o público pareceu suficiente, ela bradou, dramaticamente:

“Fui ROUBADA! Levaram minha caneta incrustada de brilhantes!”

Gritos de *oooh* e expressões de espanto sufocadas encheram o jardim.

Um sujeito grandalhão e truculento, de uniforme cinza e botas negras se adiantou.

“Dá licença, madame! Vâmo resolvê essa ocorrência agora!”

Num minuto, passou em revista com os olhos toda a multidão que se juntava no jardim. Então, como um cachorro que achou o rumo para o osso, jogou o corpanzil com violência por entre a aglomeração e emergiu de lá com um molequinho ranhento seguro pela nuca. Lá no fundo, no meio de um canteiro de flores amarelas, um grupo de sujeitinhos pequenos, de camisas listradas e máscaras cobrindo os olhos, davam risadinhas.

“Devolve, moleque! Eu sei que foi você, é ‘fragante’, é ‘fragante’! Devolve a caneta da madame!”

O moleque gritou.

“Pra que eu vô pegá uma caneta, moço? Eu sei nem escrevê!”

“Tu vai levar praqueles marginal da tua escola e vender pra comprá droga, moleque! Acha que eu não sei?”

“Que escola? Eu nem tenho escola, senhor!”

Mas o troglodita não estava nem ouvindo. Sacudindo o moleque pela gola, deu-lhe uma bofetada de mão aberta que o fez rodar no ar. Uma moça com a pele cinzenta e os seios de fora tentou intervir. Se aproximou da senhora que

reclamava o roubo.

“Minha querida, pensa bem! Será que você não perdeu esta caneta? Olha só, estou vendo dentro da sua bolsa. Você tem dezenas de canetas iguais!”

A mulher puxou a bolsa para perto do peito, irritada.

“Tenho sim. E são todas MINHAS!”, replicou, gananciosa. “E o que VOCÊ acha que sabe? Com esses olhos vendados aí... Como pode ver o que eu tenho ou não tenho?”

A moça cinzenta ainda tentou argumentar, mas foi empurrada com força para o lado por um sujeito gordo, vestindo um terno apertado, que narrava a cena para os presentes enquanto gesticulava para outro sujeito que filmava tudo ali.

“É uma POUCA VERGONHA! Vocês viram isso? Viram só? Isso é coisa de marginal! Vocês ouviram o que ele disse? ‘Ui, eu quero ir pra escola, quero ir pra escola’” bradou, afetando uma imitação bem pouco convincente do garotinho que ainda estava pendurado pela gola da camiseta. “Ir pra escola pra quê? Pra ROUBAR a mesa? Pra FUMAR o giz? Lugar de vagabundo como esse ‘santinho’ não é na escola. É na CADEIA!”, esbravejou o gordo para a câmera. O público foi ao delírio. Um sujeito com um ar particularmente abobalhado enfiou o sorvete que segurava na testa para poder ficar com as mãos livres e aplaudir.

Lá no fundo, os sujeitinhos de camisa listrada e máscara jogavam a caneta para cima e riam.

“Meu Deus, o que é que está acontecendo aqui?”, o rapaz barbudo perguntou baixinho, para ninguém em especial.

“Você não sabe?”, perguntou uma voz arrastada atrás dele. “Eu já falei para você... Nós vamos morrer, um por um...”

Era a moça azulada de antes. Tinha agora um ar ainda mais triste, os ombros mais caídos e, se olhasse bem, era bem possível que houvesse uma nuvenzinha de tempestade particular pairando sobre sua cabeça.

“Você de novo? Por que você fica dizendo isso?”

“Porque eu já li... Aaah (suspiro) livros policiais o suficiente... para saber o que vai acontecer. Nós vamos morrer esta noite. Um... Por... Um...”

“O QUÊ? Vocês ouviram isso? NÓS VAMOS TODOS MORRER!”

Era a Epidemia, que ouviu a conversa e saiu espalhando a notícia. Logo, todos os convidados estavam em polvorosa.

A Afetação soltou um gritinho agudo e desmaiou.

“O que você quer dizer com isso, sua coisinha azul e desprezível? EU nunca seria morta. Esta é uma festa em MINHA homenagem. É o que diz o convite que eu recebi”, retrucou a Vaidade, se aproximando, de nariz erguido.

A Tristeza suspirou pela milésima vez naquela noite.

“É o que diz... TODOS... Os convites. E nós vamos... Morrer. Primeiro, mandam o mesmo convite... Para todos. Nos atraem para... Cá. E então, ai, ai... Nós morremos.”

“Todo mundo recebeu... O mesmo convite? Eu achei que eu era especial...”, lamentou a Vaidade, inconformada. “Você recebeu o convite? E você também? E você?”

“Tanto faz”, a Indiferença deu de ombros.

“Se eu morrer, tudo bem”, disse a Solidão. “Pelo menos eu tenho vocês aqui comigo...”, acrescentou baixinho.

“Aff. Que ridícula! Se mata logo então!”, disse a Intolerância para ela.

“Ei! Não fala assim... Dela. Pobrezinha...”, disse a Tristeza, indo dar um abraço na Solidão, que choramingava.

“Eu não estou entendendo nada”, confessou a Incompreensão, coçando o cocoruto.

“CHEGA!”, gritou o rapaz barbudo. “Eu não aguento mais esta loucura! Precisamos dar um jeito de dar o fora daqui ago...”

Não completou o pensamento. Neste momento, as luzes se apagaram. Um relâmpago correu o céu; todos gritaram em desespero e logo em seguida, ficaram quietos. A porta da frente começou a ser forçada pelo lado de fora: alguém tentava com muita vontade entrar. O rapaz segurou forte a mão da Tristeza, com medo. Naquele instante, teve certeza de que ela estava certa esse tempo todo. Eles iriam todos morrer.

Mais uma batida forte na porta. E mais outra. A porta se escancarou.

Todos gritaram. Um estouro! Os convidados renovaram os gritos e se encolheram, abraçando uns aos outros.

E então a luz se acendeu. Um novo estouro. Confetes invadiram o ar, como neve artificial num bibelô em forma de globo.

“Que caras são essas, minha gente? Só porque eu cheguei um pouco atrasada?”, perguntou a Perfeição, alegre, jogando serpentinas para o alto.

Todo mundo respirou um pouco mais aliviado.

O barbudo bateu com a palma da mão na testa.

“Que estupidez a minha!”
E começou a celebração.

*

Faixa 5

O nome era Juruma, em homenagem a algum valente antepassado indígena. Ou, ao menos, era a história que a avó costumava contar; mas esta era uma versão que ele contestava, porque tinha lembranças do caminhão e de ter vindo com a família antes de construírem a cidade e na viagem a mãe havia contado outra história. De toda forma, sob qualquer aspecto que se observasse, era muito difícil encaixar um nome tão austero em cidadão tão amável. Posto isso, é importante dizer que era extremamente raro qualquer pessoa se referir a ele com outra alcunha que não fosse uma variação de “Juju”, um nome muito menos guerreiro, menos sisudo e infinitamente mais bondoso. O “sêo” antes do Juju era uma cereja no bolo, porque ajudava a trazer à tona aquele tipo de simpatia que somente uns quilinhos a mais e uns fios a menos na cabeça que começava a ficar grisalha fazia brotar.

O bigodinho ralo já era quase demais!

Este era sêo Juju, na frente do espelho, ajeitando a figura. Acordou antes do choro de bezerro eletrônico do despertador de números grandes e vermelhos que iluminava todo o quarto e o cheirinho de café coando já começava a visitar os quatro cômodos da casinha. O artesanato em cima da mesa da cozinha já estava em uma situação melhor do que na noite anterior: sêo Juju, bom marido que era, usava os minutinhos extras da manhã para ajudar nos negócios da dona Maricota.

Opa! Um barulho na cozinha! Sêo Juju guardou o vidro de colônia dentro do armarinho espelhado e foi ver do que se tratava.

“Que bagunça é essa na mesa, Juruma?”

Era a dona Maricota, esfregando os olhos do lado da pia. Sêo Juju já estava chegando para tirar o coador e fechar o bule, antes que o café esfriasse. Arriscou um beijo na bochecha da mulher e começou a empilhar o artesanato no canto da mesa que estava encostado na parede ladrilhada, enquanto estendia uma toalha na outra metade e organizava o café da manhã.

Enquanto a mulher se sentava, sua xícara ia se enchendo.

“Cadê o pão?”

“Não deu pra comprar ontem, bem. Mas tem pão de forma!”

“Pão de forma no café da manhã, Juruma? Onde já se viu? Cada ideia...”

Sêo Juju sorriu e varreu os olhos pelas manchetes. Não abria mão do jornal, fosse qual fosse a situação. Um homem sem cultura é um homem sem história, e um homem que não cria sua história vai sempre ser um mero coadjuvante nas jornadas de outros, pensava sêo Juju. Não que ele quisesse ser um exemplo, uma personalidade, alguém famoso. Estava já na idade em que se aceitam mais coisas do que se contestam. Mas, se pudesse fazer sua parte e, se possível, inspirar alguém a fazer o bem, sêo Juju se consideraria um sucesso.

Se ele se levantava todos os dias, era porque ainda não havia desistido.

“Que país é este? Olha aí, que merda. Tudo ladrão, tudo bandido. Pra onde é que esse país vai?”

“Hum?”, perguntou sêo Juju, levantando primeiro a cabeça e depois os olhos para fora do jornal. D. Maricota, com a voz abafada pela caneca quente, olhava na direção do marido.

“Olha aí, essa manchete! Só por Deus mesmo. Onde a gente vai parar?”

Sêo Juju sorriu novamente, dobrou o periódico e voltou para o quarto. Tirou de cima da cabeceira seu estojinho de couro, lembrança do pai. Deixou o estojo sobre a cama. De trás da porta, pegou o cabide com a camisa listrada e a boina. Vestiu, abotoando cada botão de plástico com serenidade. A boina só sossegou na cabeça depois de se certificar de que os cabelinhos estavam em ordem. O estojo foi aberto e de lá saiu o apito em forma de flauta pan. Testou:

Friiiiiiiiiuúiiii-friiiiiiiuááá’.

Foi e voltou. Sêo Juju movia a cabeça para um lado e depois para o outro. Guardou o estojo com carinho, demorando a mão na superfície de couro gasto. Era uma herança de família, e cada fase da vida havia depositado ali uma ferramenta de trabalho diferente. *Nossa família não tem medo de trabalhar*, dizia o pai. *Em compensação*, completava a avó, em tom de brincadeira, *tem medo de quase todo o resto*. Se aquele estojo de marrom contasse histórias, seria uma biografia mais acertada do que o próprio Juju jamais poderia narrar.

“Precisa mesmo fazer esse barulho aqui dentro todo dia, Juruma?”

“Só preciso ver se está afinado, bem”, brincou. A mulher resmungou, em resposta.

As chaves da porta de vidro ondulado estavam dentro da fruteira sem fruta, onde as contas se acumulavam. Sêo Juju resgatou o molho lá de dentro, sentindo um arrepio ao ter que encarar novamente os vencimentos que vinham espreitando, dia a dia.

“Não esquece de pagar a água hoje.”

“Pode deixar, meu bem”, abrindo a porta. “Tenha um bom dia” e, com um pé para fora de casa, hesitante, acrescentou:

“Te amo.”

Não era bem uma garagem, mas estava para fora de casa. O cabo de força do freezer enferrujado passava por dentro do vitrô da cozinha e terminava na tomada do lado da pia, e era por isso que a cozinha era sempre mais fria durante a noite que o resto da casa: a janela não podia ser fechada.

A tampa do freezer ficava presa com cadeado, só por precaução. De todo modo, mesmo se não estivesse, não seria qualquer um que conseguiria abrir. Havia um macete que só o sêo Juju conhecia, e ele sempre virava as costas para a rua no momento certo, para proteger seu segredo. Freezer aberto, era só abastecer o carrinho, destrancar o portãozinho de ferro e rezar antes de ganhar a rua. Era sempre difícil sair de casa sozinho, desprotegido como estava, e ainda por cima deixando a patroa sem companhia o dia todo. Ele sempre ficava com o peito disparado e os sentidos a mil, mas quando se tem uma responsabilidade, é preciso cumpri-la.

As pessoas podem pensar que é fácil vender sorvete em uma cidade tão quente e seca, mas se fosse assim, sêo Juju não precisaria sair junto com o sol, todos os dias, com o coração apreensivo.

Era engraçado, mas quando levantava de manhã e encarava a rotina, sêo Juju não pensava nela. Gastar um tempo pensando no que estava fazendo não estava no cronograma; ele simplesmente seguia em frente, riscando itens na sua lista mental, porque era o que precisava ser feito. Era o tipo de coisa que se aceitava e ponto, como o fato de que, querendo ou não, se ele bebesse muita água eventualmente teria que parar para fazer xixi.

Entretanto, enquanto caminhava empurrando seu carrinho, o fato de acordar antes do galo começava a cobrar seu preço. Ele vinha primeiro nos olhos, que ardiam e se ressecavam, para em seguida lacrimejar e arder um pouco mais; nesses momentos, sêo Juju bocejava, mas daí mais lágrimas se somavam aos olhos, que começavam a coçar. O sorveteiro esfregava o rosto na manga da camisa listrada e seguia em frente. Mas em seguida, a cabeça latejava, logo ali atrás, e começava a pesar. As juntas dos joelhos e os tornozelos estalavam e reclamavam, também sonolentos: conforme os anos passavam, eles foram ganhando o hábito de despertar bem depois do resto do corpo. Era como se fosse

um benefício da velhice, reivindicado por certos membros e ignorado por outros. São Juju não ficava muito satisfeito com essa falta de corporativismo, mas seguia em frente, bocejando. Ele não tentava competir, e muito menos vencer o sono, mas buscava um meio termo que oferecesse uma convivência pacífica e segura. Vários e vários anos dirigindo no último turno do dia haviam dado essa noção: existem brigas que não se podia ganhar. Então, o que fazia era negociar com o sono, jogando algumas horas para mais tarde. Saía de casa planejando ir se deitar uma ou duas horas mais cedo de noite, se tudo desse certo. Apesar de tudo, o novo emprego permitia esses pequenos luxos. Podia não pagar muito, mas tinha um patrão camarada.

O dia começava a brilhar com mais força e a esquentar. As procissões que se dirigiam para as fábricas, desanimadas e conformadas em seus assentos ou sobre os próprios pés, às vezes despertavam da apatia para notar um sorveteiro na calçada e se perguntavam, só pelo exercício, por que motivo ele estaria na rua numa hora do dia em que a maioria ainda estava pensando no café da manhã. São Juju acenava para eles e soprava seu apito.

“Sorvetê! Ooolha o sorvetêê!”, anunciou em voz alta, entre um sopro e outro do apito, empurrando o carrinho pela porta aberta da garagem. Era um lugar amplo, com pé direito muito alto. As paredes eram pintadas em tinta óleo amarelada, já descascada e queimada pela fumaça em muitas partes. Aquele cheiro familiar de óleo, borracha e motor quente recebeu São Juju antes das pessoas lá de dentro. Ele respirou fundo, aproveitando o momento. Os sons familiares dos pneus contra o cimento queimado do piso e dos pistões hidráulicos dos ônibus se misturavam ao falatório. Ao notar o recém-chegado, um rapaz magrinho, com uma camisa larga demais para ele, veio acudir e ajudar a puxar o carrinho para cima na rampa.

“T-tá esco-esco-escorregando”, disse ele animado. Gaguejava com o corpo inteiro, olhos, ombros, barriga, e não só com a voz. Ele gostava muito do São Juju.

“Obrigado, Pisca-Pisca”, agradeceu o sorveteiro, passando o antebraço sobre a testa. O rapaz sorriu em retribuição, também com o corpo todo.

Lá do fundo, sentado com as costas numa poltrona furada que desafiava a decoração praticamente inexistente da garagem, o motorista que todo mundo chamava de Seu Barriga saudou com um aceno acompanhado de um assovio breve. O Magú, que havia acabado de estacionar o veículo, encerrando o próprio turno, estava na ponta dos pés, brigando com a porta do ônibus que se recusava a

fechar. Percebendo a movimentação, apertou os olhos por trás das lentes pra reconhecer quem chegava lá e o Antunes, que acabava de entrar pelo portal largo da garagem, buzinou, como sinal de boas-vindas. A buzina ecoou forte no galpão e martelou, dolorosa, nos ouvidos. Seu Barriga declamou um poema, que nunca seria publicado em antologia alguma, em homenagem à mãe do Antunes.

Sêo Juju sorriu. Ele estava em casa.

“Fi-fi-ficou sa-beb- bendo da novi-novi-novi...”

“Vão dar o baú pra ele dirigir, Juju”, simplificou Antunes, se aproximando e limpando a mão antes de estender para o amigo.

“É verdade, Pisca-Pisca? Meus parabéns.”

“Oh! De-desculpa.”

O magricela corou e olhou para baixo, envergonhado, como se até aquele momento o pensamento não houvesse lhe ocorrido. Seu Barriga deu um tapa na própria testa e gingou com dificuldade para fora da poltrona, se juntando ao grupo.

“O moleque é uma besta mesmo, Juju. Não liga pra ele.”

Sêo Juju enrugou o bigodinho pra cima, num sorriso.

“Não, não, Barriga! De verdade, eu estou feliz pelo garoto” e, se voltando ao Pisca-Pisca, que aparentemente também corava com o corpo todo, acrescentou “Estou feliz por você. Era o que você mais queria mesmo, não era? Você merece, garoto.”

“Ob-ob-obri...”

“Ah, é o Juju! Que trouxe pra gente hoje, menino?”

Era Magú, que finalmente havia ganhado a briga com a porta, e vinha se aproximando, apertando o braço do recém-chegado. Chamava todo mundo de “menino”. Seo Juju deu uns tapinhas no carrinho.

“Especial para você, Maguzão! Leite condensado com abacaxi!”

O motorista lambeu os lábios, satisfeito.

“Aí sim, meu menino! É isso mesmo! Pisca-Pisca, vai pegar a bandeja da geladeira, que é hoje que eu acabo com o estoque do Juju!”

E assim foi feito. Os outros motoristas do último turno iam chegando para encerrar seus expedientes e, até que o ônibus que os ia levar ao Centro não estivesse pronto, se juntavam ao grupo que conversava animado. Eram os melhores clientes do Seo Juju, de longe.

Conversaram durante um bom tempo. Toda manhã sêo Juju parava ali

primeiro, antes de ir para as escolas ou para as saídas das fábricas. Os motoristas dos outros turnos iam chegando, viam a movimentação e também paravam, nem que fosse para jogar uns dez minutos de conversa fora antes de rezarem e darem a partida. São Juju, no íntimo, sabia que os amigos não podiam tomar tanto sorvete. Seu Barriga, por exemplo, vazava diabetes pelos poros.

Mas, afinal, não era para isso que serviam os amigos?

Quando a carona do turno da noite chegou até a garagem, são Juju deu um tapinha no ombro do Pisca-Pisca e o parabenizou mais uma vez. Estava na hora de seguir seu rumo. O garoto fez questão de ajudar a empurrar o carrinho para fora, e o sorveteiro não recusou.

Enquanto Pisca-Pisca ia na frente, Seu Barriga fez um sinal cansado com a mão, pedindo para o são Juju esperar um pouco.

“Vocês andam muito rápido”, se queixou, bufando. Segurou o braço do outro, um pouco para impedir que perdesse são Juju de vista, um pouco para se apoiar. Pararam um instante para respirar.

“Então, Juju”, começou, após recuperar o fôlego. “Você não está pensando em voltar?”

São Juju inclinou a cabeça, com um sorriso tristonho.

“Ô, Barriga, meu velho... é o que eu mais quero. Mas não posso ainda.”

“A perícia?”, perguntou o outro, coçando os queixos. Era uma cabeça mais baixa que o são Juju.

“Isso. Ainda estou afastado.”

Seu Barriga concordou, em silêncio. Depois acrescentou “Você ainda está meio assustado, não é?”

Não era bem uma pergunta. Todo mundo sabia a resposta.

“Bom, não vou negar...”

“Não prenderam o desgraçado”, afirmou Seu Barriga, fazendo uma careta. “Nunca prendem. Fiquei sabendo que uma das passageiras queria processar, mas me fala: processar quem?”

Lá fora, Pisca-Pisca apertava os olhos, tentando enxergar para dentro da garagem. Já fazia um sol forte naquela manhã. São Juju começou a ficar um pouco incomodado com a conversa, e aflito por fazer o garoto esperar. Ele poderia perder a carona para casa.

“Bom, temos que seguir vivendo, não é?”, atalhou são Juju, experimentando novamente o sorriso no rosto. “Foi bom ver vo...”

“Sabe”, interrompeu Seu Barriga, olhando para o lado e coçando o lábio inferior com o dedo gorducho; sêo Juju sabia que não podia vir coisa boa daí. “Se você quiser, a gente pode dar um jeito.”

“Jeito?”

“É, Juju. Um jeito”. Seu Barriga levou o dedo do lábio até a ponta do nariz. Mudou o peso de um pé para o outro e encarou o amigo. “Cê sabe, Juju. Motorista tem amigo na rua. Não tô dizendo que a gente sabe, nada disso... Mas, se você quiser, a gente consegue descobrir, entendeu? Descobrir quem é o desgraçado, onde ele está. Daí, é só deixar meia hora com o Baiano, sabe? Olha lá o Baiano, acena lá pra ele. Meia hora com o Baiano. O filho da puta nunca mais assalta ninguém. Nunca mais bate em ninguém. Tá me entendendo? É só você falar que sim.”

Não era a primeira vez que alguém sugeria uma coisa daquelas para ele. Não era uma surpresa, mas sêo Juju ficava chocado toda vez. Nunca teve medo de trabalhar. Foi o que aprendeu com o pai, muitos anos antes e, se precisasse, trabalharia de sorveteiro, de servente, do que fosse. Mas trabalharia. E por quê? Porque era o que deveria ser feito, sem mais nem menos. Porque era a obrigação de cada um, de cada pessoa, para que o mundo fosse um lugar melhor. Sêo Juju nunca teve grandes ideologias, mas acreditava nesse princípio bem simples. Quando um homem não trabalha, a cabeça fica cheia de ideia errada. O homem fica violento. E a violência é a saída mais estúpida que se pode encontrar, porque ela não livra ninguém, de verdade, do problema. Resolver violência com mais violência era a mesma coisa que apagar incêndio com gasolina. Parecia algo muito simples de se perceber, mas sêo Juju ficava chocado ainda, toda vez, quando ofereciam essa saída a ele. Por que é que a violência é tão fascinante?, pensava ele. Olhando para o Seu Barriga, naquele momento, era quase como se o amigo quisesse *mesmo* que ele dissesse sim para a proposta, e não por um senso de justiça ou vingança, ou coisa que o valha. Mas simplesmente *porque sim*. Porque era interessante, porque seria divertido, porque seria uma distração para o pessoal. Sêo Juju quase estava concordando com a esposa... Que país, afinal, é este?

Pensou em tudo isso enquanto Seu Barriga levantava uma sobrancelha, esperando uma resposta.

“Não”, respondeu simplesmente. “Muito obrigado, Barriga, mas vou passar. Agora, deixa eu ir, porque ainda tem muito sorvete ali dentro. Até mais.”

“Você quem sabe, você quem sabe... Mas ó... não posso fazer nada se o Baiano, por acaso, esbarrar com o desgraçado qualquer dia desses, hein?”

“Não”, suspirou sêo Juju. “Não pode fazer nada.”

Foi até a porta, subindo pela rampa. Pisca-Pisca estendeu o carrinho, com um tique nervoso que fazia a cabeça toda tremer.

“On-on-onde v-v-você vai vai hoje, sê-sêo Ju-ju?”

“Por aí, Pisca-Pisca, como sempre”, respondeu sêo Juju, ajeitando a boina sobre a cabeça que já começava a queimar sob o sol. “Pras escolas, aproveitar a saída.”

“M-m-mas ho-hoje não tem tem aula.”

“Não?”, perguntou sêo Juju, erguendo uma sobrancelha, se dando conta.

“N-não. É s-s-sábado.”

Sêo Juju encostou no poste e passou a boina pela testa molhada. O otimismo aprendido à força, velho companheiro, o forçava a ver alguma coisa boa naquilo tudo e não chamar o dia de desperdício, mas a verdade é que havia andando a manhã inteira e vendido quase nada. Se tivesse se lembrado que era sábado teria passado menos tempo na garagem e ido até a Caixa D'Água, aproveitar o público da feira da manhã. Paciência.

Abriu o carrinho, conferiu o estoque. Apanhou a garrafinha, tomou um gole, pensando no que fazer em seguida. Talvez fosse mais útil voltar para casa e ajudar a D. Maricota com o artesanato.

Quando colocou o carrinho novamente em movimento, viu os garotos dobrando a esquina. Eram cinco, eram moleques, e sêo Juju estancou o passo, involuntariamente. Aquele instinto atrás da nuca, que o deixava com medo, que o deixava vivo. Tudo bem que depois do acontecido, esse instinto estava desregulado e apitava mais que árbitro em derby. Se fosse durante a semana e visse os mesmos garotos em uniformes de escola, não teria problema. Mas havia alguma coisa no jeito que eles andavam, no fato de estarem sozinhos e no modo como eles se aproximavam que fez o sangue do sêo Juju gelar e a mão correr, inconsciente, para a pochete com dinheiro que trazia abaixo da camisa.

“E aí, meu tio! Vendendo muito?”

Respira. Acalma o coração. Respira.

“Não, não... hoje tá fraco”. A voz parecia vir de muito longe. A cabeça parecia estar a quilômetros do resto do corpo. A rua estava vazia e o sol estava muito alto. A poeira estava assentada, não havia vento. Sêo Juju percebeu tudo isso.

“Que merda, hein?”, respondeu outro menino. Sêo Juju tentou sorrir. Existia

uma molecada muito desocupada por esses dias. Isso não era bom. Trabalho, pensou sêo Juju.

“Vocês querem alguma coisa?”

Por que perguntou isso? Por que não ficou quieto? Parecia que a cena se desenrolava há horas, mas não deviam ter passado mais do que alguns segundos. Enquanto fez a pergunta, sêo Juju abriu a tampa do carrinho. Um dos meninos se aproximou.

“Pô, tio, até quero, mas tô duro. Quebra essa pra mim?”

A mão foi lá para dentro, apanhou um sorvete qualquer e estendeu para o garoto. Os outros riram e bateram palmas.

“O tio é firmeza!”, disse um deles. “E eu vou ficar sem nada, tio?”

Sêo Juju entregou um sorvete para cada menino. Eles agradeceram, brincaram e riram. “Tio, o senhor é firmeza mesmo. Só por isso vou dar a boa pro senhor.”

“A...boa?”

“Isso aí, tio! Vai rolar uma bagunça lá pra frente. Tá todo mundo indo pra lá. Se o senhor quiser ir, vai vender bem!”

“Vai mesmo!”

“Hum-hum”, concordou outro, com o picolé na boca.

Sêo Juju bateu as mãos nos bolsos, desconfortável. Olhava para as esquinas, procurando mais alguém.

“Não, não, obrigado... é que eu já estava indo embora. Ajudar a patroa, sabe como é...”

“Bobagem, tio! Ajuda a patroa depois! Vai estar todo mundo lá! Vamos nessa! Vem com a gente.”

“Não, não, obrigado...”

Um dos garotos passou o braço pelos ombros de sêo Juju.

“Faço questão, tiozinho. Pra retribuir. A gente vai escoltar o senhor, vamos lá.”

Sêo Juju olhou ao redor. Coçou o bigodinho.

“É. Vamos lá.”

Sêo Juju ficou surpreso ao chegar no lote, porque não sabia que iria haver uma festa aquele dia mas, depois de reparar bem, percebeu que não era uma festa

de modo algum. Não havia comida, não havia bebida ou banda, nada disso. O que, por um lado, foi realmente bom. Precisou dar o braço a torcer: os garotos tinham razão. Com o calor que fazia, não demorou para os sorvetes começarem a sair, e sêo Juju era o único representante da oferta de alimentos para um dia quente que havia por ali.

Estava tão feliz com a sorte que havia dado, que até se esqueceu de perguntar para os garotos que evento era aquele. Quando se lembrou, os meninos haviam se misturado à multidão. Não havia muito tempo para pensar: havia uma fila para seu carrinho. As pessoas alegres conversavam, riam. Que festa!

Sêo Juju reparou nas bandeirinhas e na equipe de TV que se aproximava. É claro, pensou ele. As eleições estavam chegando. Só poderia ser isso. Estava aí um bom público, pensou ele. Ficaria mais atento a estes eventos.

“Desculpa, menina bonita! Qual o sabor?”

Não tinha conseguido escutar o pedido. Algum maluco tinha começado a gritar. Sempre tem maluco em comício. Sêo Juju se inclinou para ouvir o que a menina dizia, mas parecia que ela tinha perdido o interesse em sorvete: virou o rosto e começou a se afastar do carrinho. Sêo Juju acompanhou o olhar da menina e percebeu que ela estava indo para onde uma grande roda se formava. As pessoas começaram a abandonar, uma a uma a fila, e até sêo Juju ficou curioso. Empurrou o carrinho na direção para onde todos estavam indo.

No centro da grande roda que se abria, o maluco ainda gritava. Sêo Juju não conseguiu entender o que ele dizia. Devia estar bêbado ou drogado, o pobre coitado, pensou. Todo mundo olhava para ele com interesse, mas sêo Juju sentia pena.

Um estalo alto. O público em volta soltou um pequeno gemido, quase em uníssono. Sêo Juju olhou ao redor, tentando entender o que acontecia.

O homem no centro da roda girou o corpo, arqueando as costas, os olhos arregalados. Tentou dizer alguma coisa, mas a voz emperrou na garganta. Caiu. A terra abaixo dele ficou vermelha.

Meu bom Deus!, pensou sêo Juju, ao entender o que havia acontecido.

O homem no chão rolou os olhos e por um instante, não muito mais do que isso, encarou sêo Juju. Naquele momento em que o tempo pareceu obedecer a regras diferentes, naquela ligação desesperada e fugidia, inesperada, o sorveteiro sentiu o mundo inteiro se desconstruir.

Ele se lembrou de quando era uma criança, mexendo na terra seca com o pai, calejando as mãos. Se lembrou do pai guardando a escovinha de engraxate

no estojo marrom, se lembrou da primeira vez que viu a Maricota, com vestido azul e laço na cintura. Das luzes penduradas na praça no dia de quermesse e da primeira vez que precisou correr da polícia. Tudo o que havia vivido até ali se passou na mente do sêo Juju naquele olhar, naquele estranho momento de conexão humana. Uma vida inteira fugindo do problema, da violência e do medo e tentando fazer o melhor que podia com o que tinha às mãos.

Nossa família não tem medo de trabalhar.

Um grito se destacou na multidão, despertando sêo Juju de seu instante de devaneio. Entre o povo que assistia a tudo uma clareira se abriu. Uma mulher apontava para um homem, que trazia uma arma em uma das mãos e sorria para o outro, que agonizava, caído.

O homem da arma se aproximou do ferido.

Sêo Juju olhava aflito para os lados. As pessoas pareciam estranhamente complacentes com o fato daquele homem estar carregando uma arma. *Alguém faz alguma coisa!*, pensou, incapaz de verbalizar.

Mas ninguém fazia nada. Todos mantinham fixos os olhos naquela cena dantesca. Até mesmo a mulher que, instantes antes, estava gritando.

As câmeras filmavam tudo.

“Por Deus, minha gente...!”

As palavras de sêo Juju morreram no ar, sem ninguém para lhes prestar atenção. Estavam todos mesmerizados pelo faroeste que se desenrolava. Uma mulher empurrou com força o ombro de sêo Juju, que precisou se apoiar no carrinho.

Ela correu até o homem que estava no chão, dando as costas para o que tinha a arma ainda engatilhada. A mulher abraçou o homem caído e lhe deu um beijo, sujando a própria boca de sangue e, chorando puxou para frente a bolsa que trazia ao ombro.

As pernas não obedeciam mais a sêo Juju. O sorveteiro queria abandonar aquele público doente, mas simplesmente não conseguia. Seus olhos lacrimejavam, de poeira e absurdo.

O homem no chão começou a dizer alguma coisa. As pessoas prenderam o ar em seus pulmões, inclinando as cabeças para frente, para não perderem uma só palavra do espetáculo, mas os ouvidos de sêo Juju zumbiam. Então, a moça de vestido, que ainda estava abaixada, afastou o corpo.

O primeiro tiro não assustou sêo Juju. Nem o segundo, o terceiro. Tampouco o quarto. Nem o quinto.

O que o assustou foram os gritos. Não de medo, mas de exultação. Uma torcida comemorando o gol. O povo gritava, ensandecido, feroz. Feliz, cheio de ódio e revolta, transbordando de desforra. Um homem ao seu lado babava. Os garotos – ali estavam eles! – giravam os punhos no ar.

Sêo Juju encarava a massa, estarrecido. As câmeras se aproximavam, dando close. Um repórter estendeu um microfone para a mulher no chão.

“Como você está se sentindo?”, sêo Juju imaginava o repórter perguntando. *Brasileiro*, ele responderia, se a pergunta fosse feita a ele.

Mais um disparo. Ainda havia uma última bala no revólver. O estampido pairou no ar por um momento, como que pedindo a atenção da plateia para um último ato. A mulher rolou pelo chão, a barriga grande voltada ao céu.

O público foi à loucura total. O repórter não conseguia se controlar de excitação. Com os olhos arregalados, cuspiu palavras para a câmera. “Santo”, “bandido”, “justiça”.

As pessoas se aglomeraram. Sêo Juju ficou ali parado, vendo os outros passarem por ele como se fossem água se desviando de uma rocha. Não sabia dizer quando tempo ficou ali estancado, até, por fim, retirar a boina – por respeito aos falecidos – e dar as costas a tudo aquilo.

Abandonou o carrinho, abandonou as pessoas. Precisava ir para casa. Iria dar um abraço bem apertado na D. Maricota, ajudar no artesanato, talvez preparar o jantar. Depois, iria dormir, mas sem saber o que esperar do dia seguinte.

*

Faixa 6

Ah, mermão! Tem dia que é foda, sabe?

Eu tô falando contigo, mas a verdade é que eu não sei se tu sabe do que eu tô falando. Porque, às vezes, eu tenho a impressão que tudo o que é ruim e complicado só acontece comigo. Já ouvi por aí, na fofoca, à boca pequena, que tem uma galera que me acha meio pessimista. Pra baixo mesmo, saca? Mas do que eles estão falando? Eles vivem minha vida? Eles sabem o que é ser como eu?

Meus ovo! Se eles soubessem, se pelo menos por um diazinho que fosse essa galera vivesse a minha vida, ah! Aí sim eles teriam gabarito pra falar alguma coisa. Mas sabe o que ia acontecer? Eu duvido, e vou frisar aqui, ó, eu *duvido* que alguém ainda falaria que eu sou pessimista.

Pessimista é o sujeito que enxerga a vida por um filtro negativo. Eu sou é um realista, mermão. Eu vejo a verdade e relato ela. Clara como a água, tá sabendo?

Porque o mundo, ah, o mundo... não é essa maravilha aí como tem gente que acredita. O mundo é um lugar cruel e perigoso que pode te matar a qualquer momento. Você imagina o meu estresse? Eu saio pra passear, porque eu não tenho mesmo outra opção, e pode ser a minha última vez. Eu posso morrer a qualquer momento e nem é difícil, sacou? Se eu fechar os olhos e não me cuidar, NHAC! Acabou tudo pra mim, captou? É um querendo devorar o outro por essas áreas, e agora, diz pra mim, meu chapa... quem é que *eu* devoro? Porque eu sou realista... tem muito bicho forte e intimidador aí por esse mundão, mas eu tenho consciência de que eu sou frágil, parceiro... Eu não meto medo em ninguém, muito pelo contrário. Tem gente que me acha até fofo, você acredita? Eu tento crescer, tento parecer mais agressivo, e os outros até mesmo dão risada. Qual a escolha? Eu preciso me esconder. Preciso fugir, manter na miúda, sacou? O mundo é cruel e você tem que estar esperto para sobreviver. Camarão que dorme a onda leva, entendeu? Já perdi uns bons amigos desse jeito.

Já é uma situação terrível, mesmo sem as dúvidas. Ah, as dúvidas? Já te falei delas? Elas são o temperinho dessa situação braba que é a vida. Sério, porque, já não basta todo mundo querendo me matar, já não basta eu ter que fugir o tempo inteiro, existem ainda as dúvidas. Se os bichão matam por fora, as

dúvidas matam por dentro.

Todo mundo tem, não é? E, mesmo se o seu corpo estiver protegido, vêm esses pensamentos cabuloso bagunçar com a cabeça. Tu tá entendendo meu drama? Eu, literalmente, não posso dormir.

Elas começaram quando eu era ainda bem pequeno. É que eu cresci sem meus pais, sacou? Não vem botar a culpa só em mim também. Eu sou uma vítima das circunstâncias, tá sabendo? Eu fui jogado no Grande Palco, na fria e escura realidade, e já era. Eu estava por conta própria, lutando para conseguir meu próprio ar. Como tu espera que eu dê certo? Ninguém nunca me explicou nada. Tudo o que eu sei, rapá... olha aqui, ó! Gravei com dor na minha pele sofrida.

Eu não descanso, eu não tenho paz. Eu não entendo a vida, isso é o que é. Será que alguém mais já se sentiu assim? Existem milhões à minha volta, mas eu me sinto sozinho o tempo inteiro. Eu não sei o que está acontecendo. Caramba, rapá, às vezes eu não sei nem se eu sou um bicho ou um pedaço de pedra, um pedaço de paisagem que, de vez em quando, sai por aí pra dar umas voltas, tá me entendendo? É como eu me sinto. Às vezes parece que eu sou invisível, que eu me mesclo com o ambiente e que, beleza! É isso aí! Toma essa, na sua cara, trouxa! Para fugir, é útil, não vou negar. Mas é que às vezes eu me sinto tão sozinho...

“Arranja companhia”, tu pode me dizer, na tua vizinha mais aguda e irritante, certo? Eu arranjo, parceiro, eu arranjo. Mas aí é que tá também. Pra tu ter uma ideia de como minha cabeça é zoada, tem dia que eu nem sei se eu sou homem ou sou mulher! Eu jurava que eu era homem, jurava mesmo... Mas aí tudo começou a doer e eu comecei a dar à luz e foi uma confusão na minha vida! Quando eu percebi, lá estava eu repetindo o mesmo erro dos meus pais, abandonando meus filhos e largando eles pra se virarem nesse mundo terrível.

Caramba, meu amigo... tem dia em que eu só preciso dar uma pausa em tudo, ir pra superfície e tentar relaxar um pou...

Ei! Que porra é essa, mermão? Me bota no lugar de novo! Seu filho duma piranha, eu, eu... Eu não consigo respirar! Me solta!

O quê? Como é que é? Ah, adivinha só!

“Ei, ei, ei, ei, ei!” Eu também te achei, seu humano chorão duma figa! Eu te morderia, bem aqui nesse dedo, mas eu nem tenho bem certeza se eu tenho dentes! Oh, dúvidas malditas!

Me bota de volta na água, seu... Ei! Obrigado pela delicadeza, cuzão!

Vou te falar, mermão... tem dia que ser cavalo marinho é foda...

*

Faixa 7

A porta se abriu com um clangor do sino de metal. Primeiro, entraram o vento frio e uma luz pálida, que agitaram, mas só um pouco, a atmosfera morta lá de dentro. Depois, veio o homem: uma silhueta maciça e encurvada, vacilante. Um velho no balcão resmungou, juntando as sobrancelhas, e puxou a gola para cima.

A mensagem foi recebida. O sino vibrou mais uma vez e o lugar retornou à sua calma desesperadora e silenciosa de antes.

O recém-chegado permaneceu onde estava por mais um tempo. Levou o chapéu ao peito, porque aprendeu um dia que era a coisa educada a se fazer. Um emaranhado de cabelos negros e úmidos caiu sobre a testa larga. Com um movimento, olhos muito azuis se revelaram e começaram a varrer o recinto, ansiosos.

Não havia muito o que se ver, além de um punhado de lampiões intermitentes e um par de janelas com vidros engordurados que mal cumpriam sua função de permitir que a luminosidade azulada e sem graça lá de fora passasse. E era justamente por conta da pobreza do cenário que o homem estava nervoso; olhou mais algumas vezes e não encontrou o que procurava. Apertou o chapéu com mais força, sentindo com vontade aquela ansiedade incômoda. Sentiu-se de súbito envergonhado por ser quem era e querer o que queria mas, sobretudo, exposto pela perspectiva de estar fazendo papel de bobo. Naquele instante, preferia qualquer coisa a admitir que não devia estar ali e ter que abrir novamente aquela porta e ir embora.

Os olhos passearam novamente, para que não se dissesse que se renderam com facilidade e então, com um sobressalto, todo aquele medo de instantes atrás pareceu se dissipar. Não entendia como não havia notado antes, mas sob uma das janelas divisou o contorno familiar, que fez o coração aliviar um pouco.

Se aproximou a passos lentos; sentia pontadas frias e doloridas na perna direita, que refreavam seu avanço. A dor foi algo inesperado e ele parou a meio caminho, surpreso. Sacudiu a cabeça, espantando a sensação. Ao chegar próximo à mesa, um lampião moribundo deu um último suspiro, iluminando o homem sentado.

Mais do que a dor repentina na perna, a visão do companheiro foi surpresa

maior. O homem à mesa, com as mãos sobre o colo, não fazia justiça à figura que trazia na lembrança. Estava mais magro e pálido, com os cabelos loiros quase brancos. Era como se a cor lhe escapasse do corpo por algum buraco aberto no peito. Os olhos estavam empapuçados e mortiços e ele parecia respirar com alguma dificuldade. A camisa parecia encardida sob a luz fraca e os ossos abaixo do pescoço estavam salientes.

“Se vai ficar me estudando assim, talvez fosse melhor tomar algumas anotações”, disse o rapaz sentado. Tinha um sotaque carregado, como alguém que tivesse nascido muito ao oriente de algum ocidente; suas vogais se arrastavam e se perdiam no ar.

“Me desculpe. Não foi minha intenção.”

“Está perdoado”, respondeu, forçando um sorriso. Em seguida, indicou com a cabeça uma caneca amassada sobre a mesa. “Café?”

O visitante se sentou, aceitando o café. Tomou alguns goles, ainda observando o outro em silêncio.

“O que está causando tantos pensamentos nessa sua cabeça?”

“Me desculpa”, respondeu, pousando a caneca cheia de café quente sobre a mesa. “Você está diferente, é isso. Não está como eu me recordava.”

“Estou muito velho?”

“Esta é a parte mais estranha”, admitiu. “Apesar de tudo, você não parece ter envelhecido um único dia. Quanto a mim...” Deixou o pensamento no ar. “Quanto tempo faz?”

“Tempo?” O rapaz levantou os olhos pela primeira vez. “O tempo é relativo. Faz muito, faz pouco... Isso realmente faz diferença para você? Para mim, parece que não faz mais que um punhado de anos eu estava brincando com as outras crianças, depois da Igreja. O padre falava suas palavras sobre Deus e seu filho. Dizia coisas como ‘se você colheu muito, não construa celeiros maiores, mas doe aos pobres’ e depois, nós saíamos da Igreja e brincávamos de guerra. Atirávamos pedras uns nos outros. Chamávamos a nós mesmos de inimigos, dizíamos que um queria o celeiro do outro e disputávamos a posse dos grãos imaginários. Às vezes eu fico me perguntando se isso era algum tipo de pecado.”

Falava devagar, pausadamente. Respirando fundo entre uma frase e outra e semeando algumas vogais no ar.

“Me desculpa. Este assunto incomoda você?”

“Não, de modo algum”, mentiu o visitante, encolhendo os ombros grandes.

O casaco estava molhado e pesado, mas ele achava que sentiria mais frio se o retirasse. Estava sentindo muito frio e não sabia o por que. O vento agredia as tábuas das paredes, mas não parecia entrar. A luz na janela também oscilava, ora aumentando seus tons de azul, ora retrocedendo.

“Eu voltei para lá, depois. Muitos anos depois. Para a minha terra. Já lhe contei isso?”, perguntou o rapaz. Seus lábios estavam pálidos e as mãos se moviam nervosas sob a mesa. Ele alternava o peso do corpo sobre a cadeira, desconfortável, com o rosto retorcendo um pouco a cada nova investida. Seus contornos descoloridos contrastavam com as tábuas escuras sob a janela.

“Não. Você nunca contou.”

Ele fechou os olhos por um instante, respirando fundo. Seu peito chiava de leve.

“Eu voltei. Para a Igreja. Queria ver se o padre ainda estava lá. Queria saber se eu era um pecador. Sempre achei que eu era.”

“E então?”

“Se eu sou mesmo um pecador?”

“Não. O padre. Ele estava lá?”

“Não me lembro. Não importa.”

Se contorcendo, o rapaz apanhou um maço de cigarros e uma caixa de fósforos no bolso da calça. Levou um cigarro até a boca e tentou criar fogo, mas não conseguiu. Suas mãos estavam tremendo. Neste momento, o homem à sua frente se lembrou desse detalhe. As mãos do companheiro tremiam. Às vezes mais, às vezes menos, mas quando estavam neste estado, ele não era capaz de fazer muita coisa. Era um rapaz orgulhoso; tinha vergonha de admitir que havia adquirido um problema como aquele. Tinha vergonha de falar sobre o medo e as suas consequências.

“Aqui... Posso?”

O rapaz ergueu uma sobrancelha pálida, olhando de soslaio. Seu orgulho também o impedia de aceitar ajuda, mas deu de ombros e inclinou o cigarro para frente.

De algum modo, este pequeno gesto fez bem ao homem mais velho. Sentia-se inexplicavelmente feliz em poder ajudar, em ser útil. Observou sem dizer palavras enquanto o outro tragava devagar, sentindo a fumaça espiralar em seus pulmões até provocar tosse, para, então, apanhar o cigarro entre os dedos trêmulos e o pousar sobre a mesa.

“Por que você veio?”, perguntou, exalando os últimos resquícios de fumaça

azulada, que se fundiram com a luz da janela mais acima.

“Eu precisava falar com você.”

“Pois então diga. Eu estou ouvindo.”

E então, não parecia tão fácil. Por tanto tempo, quis falar. Quis dizer tudo mas ali, quando finalmente a chance se apresentava, foi incapaz. Tentou explicar isso.

“Eu não consigo”, confessou. “É como se eu tivesse tanto a dizer que as palavras simplesmente... Entende? Elas entalam e se misturam e eu não consigo pensar direito.”

“Não se envergonhe. A Guerra faz isso. Ela mata mais do que só as pessoas. Também mata as palavras, mata as histórias.”

Finalmente, estava ali. O rapaz tinha razão. A Guerra. Ela era a responsável por tudo aquilo e, trazê-la à mesa foi algo agri-doce: conquanto explicava, não satisfazia. Mas também não era possível ignorá-la, e ambos bem o sabiam. A Guerra modificava a tudo, e não importava o que aqueles dois haviam sido em qualquer momento de suas vidas: homens, jovens, amigos, irmãos, filhos. Depois da Guerra, eles eram apenas uma coisa.

Eles eram soldados.

O vento ganhou mais força lá fora e a janela brilhou com mais intensidade.

“Como está o café?”, perguntou o soldado mais jovem, quebrando o silêncio.

“Péssimo.”

“E desde quando você é um esnobe para comida? Eu me lembro de como você costumava atacar aquela ração.”

“Isso é verdade”, respondeu, esboçando um sorriso. “Mas não melhora o café.”

“Bah! Você não sabe o que é comida ruim!”, exclamou, estapeando o ar. “Já contei para você de quando eu estudava para ser advogado? Eu arrumei um emprego no centro da Capital, para ficar mais próximo da Escola de Direito. Era um escritório nojento de patentes, com uns tipinhos desprezíveis. Um bando de *zolas*, entende?”

O outro levantou os ombros.

“Ah, *zolas*, você sabe... *Idiotas*. Uns sujeitinhos idiotas, limitados. Sem ambições na vida. Mas isso não era o pior. O ruim mesmo era na hora do almoço. Eu ganhava uma miséria, sabe, e não podia ir aos bons restaurantes do

centro. Às vezes eu guardava alguma coisa do dia anterior e comia no escritório mesmo. Assim eu não perdia tempo e podia trabalhar uma hora a mais. Mas quando não tinha restos, eu precisava ir na Lata. Já contei para você sobre a Lata? Ah, a maldita Lata...”

Seu sotaque ficou ali, pairando, até que desse mais uma tragada.

“A Lata era nos fundos do pior restaurante do centro. Eles pegavam a comida que havia sobrado no dia anterior e enfiavam o máximo que podiam dentro de uma lata qualquer. Às vezes você tinha a sorte de pegar uma lata grande. Se fosse esperto, levava a lata para casa, lavava, e no dia seguinte voltava com a mesma. Você já comeu Comida na Lata? Não, claro que não. Eles amassavam os grãos no fundo e, se estivessem de boa vontade, colocavam um pedaço de carne sebenta e umas folhas de repolho por cima.”

“Que horror!”

“Era melhor que a fome, de toda forma. E era barato. São os sacrifícios que você faz para ser advogado. E então? Deixei seu café melhor?”

“Nem um pouco. Mas obrigado pela tentativa.”

Ficou quieto, encarando a caneca em suas mãos. O outro soldado estreitou as sobrancelhas.

“O que foi?”

“O quê?”

“Eu conheço você, seu *zola*. O que foi?”

“Eu não sei o que você está falando.”

A mão que segurava o cigarro se ergueu no ar, agora um pouco menos trêmula, e acertou o lado da cabeça do homem de casaco.

“Ei! Por que isso?”

“Vamos. Diga. O que você está pensando? Você está fazendo aquela cara.”

“Que cara?”, respondeu o outro, sentido.

“Você está me julgando.”

“É só que... Eu estava pensando. Você, esse jeito, essa coisa de Escola de Advogados. Você sempre teve uma queda pela justiça.”

O soldado pálido arqueou as sobrancelhas, deixando suas olheiras ainda mais evidentes.

“Você diz isso como se fosse uma acusação.”

“Você se alistou. Sabe disso. Foi voluntário. Eu não tive escolha, mas você

foi voluntário. Lembra? Você me contou.”

“Ah. Isso...”. Apagou o cigarro lentamente dentro da caneca. O café chiou.
“Eu era jovem.”

“Nós dois éramos. Tão jovens.”

“Sim.”

“Mas você ainda é.”

“Sim.”

Tentou alcançar mais um cigarro no maço, mas a mão pesada do companheiro pousou de leve sobre a sua. Não disseram nada por algum tempo.

“Eu tive tanto medo”, disse o soldado mais jovem.

“Eu também.”

O outro riu.

“Você era o corajoso.”

“Eu nunca fui. Quer dizer, eu tentava ser. No começo, eu achava que a minha coragem era só medo de morrer e, então, tudo o que eu precisava fazer era ficar vivo. Simples assim.”

“Não é esta a definição de coragem?”, ironizou. Em seu sotaque, *coragem* parecia qualquer outra coisa.

“Não era isso. Não exatamente, mas eu demorei tanto para perceber... Por Deus, como eu lamento. Não era pela minha morte que eu temia...”

“Você não precisa fazer isso.”

“Sim, eu preciso! Você não entende? Eu sinto tanto. Nós já estávamos há tanto tempo naquela maldita guerra... Tanto tempo longe de casa, tanto tempo só nos defendendo que já nem sabíamos mais por que estávamos lutando. Você entende isso? Em algum momento, o que importava era *por quem* estávamos lutando.”

“Eu sei disso.”

“Mas eu não entendia. Eu não entendi até que...”

“Não foi sua culpa.”

“Eu vi você cair. E não pude fazer nada. Simplesmente fiquei ali. Eu só entendi tudo no último instante e eu nunca vou poder me perdoar por isso. Você entende?”

Começou a chorar. O soldado mais jovem desviou o olhar.

“Eu sempre quis saber”, continuou ele, enxugando o rosto. “Sempre quis

saber se você também entendeu. Mas agora... Agora eu acho que nunca vou saber o que você sentiu. Nunca vou saber o que você pensou. E eu nunca vou poder explicar para você o que eu quis naquela hora.”

“Diga agora, seu *zola*. Eu estou aqui agora.”

“Não. Não está. Eu sei disso. Nada daquilo pode ter acontecido, não é? Você nunca voltou para a Igreja da sua cidade. Nunca existiu Escola de Advogados para você. A comida na lata... Foi algo que aconteceu com o seu avô, não foi? Você me contou isso um dia, na trincheira, quando eu estava passando mal por conta da ração. Você queria me animar.”

O soldado sorriu sem alegria, correndo a mão pálida pelo cabelo descolorido.

“Bom... Você me pegou, *zola*.”

“Por que você não vem comigo? Agora? Por favor.”

“Você sabe por quê. Estamos esperando.”

“Pelo quê?”

Ele apontou para a janela por cima do próprio ombro. Ela brilhava mais intensamente agora. O vento atacou com força e levou consigo algumas das tábuas das paredes. A janela explodiu, lançando pedaços de vidros em todas as direções. Em meio ao caos de destroços, a imagem do soldado mais jovem foi se perdendo; a camisa encardida exibia o rastro de sangue que escorria da ferida na altura do peito. O lugar inteiro entrou em colapso, ofuscado pelo frio e a luz azul.

Ele piscou algumas vezes e abriu um olho de cada vez, despertando. Ainda havia lágrimas nos olhos azuis, mas ele não sabia explicar bem o por quê.

O frio o atingiu quase imediatamente, e o homem percebeu que estava sem o chapéu. Que besteira, pensou. Só deveria tirar o chapéu se estivesse *dentro* de algum lugar. Os primeiros flocos de neve atingiram a ponta de seu nariz e depois todo o rosto barbado. O céu nublado ainda era capaz de projetar uma luz azulada que incomodava a vista.

Estava torto, dolorido, e se remexeu para apoiar as costas na parede. Sentiu uma dor aguda na perna que não estava mais lá. De todos os absurdos sem sentido, este era o mais incômodo.

Enquanto resmungava sozinho, notou que um garotinho havia parado à sua frente e olhava, vidrado, para os pedaços de metal que balançavam no peito de sua farda suja.

“Por bravura”, disse numa voz rouca, encostando um dedo na medalha. “Porque eles disseram que eu nunca deixei um homem para trás.”

Soltou um riso abafado pelo nariz, que mais se assemelhava a uma tosse. O menino o encarou, um pouco assustado. O homem levantou uma caneca de metal amassada e a sacudi no ar, fazendo tilintar as moedas.

“Pela alma de um bravo soldado que, tudo o que mais queria, era lutar pelo seu país? Han? Não?”

A mãe da criança apareceu neste momento e arrastou o filho para longe, atravessando a rua de pedra e tomando o caminho do passeio público o mais distante possível. Enquanto se afastavam, o som das moedas se chocando contra o metal os foi seguindo, até se perder no vento frio do inverno.

Faixa 8

O navio adejava preguiçoso em meio à brisa de fim de tarde no cais. O sol alaranjado refletia nas ondas calmas e lançava formas dançarinas e errantes no casco. O som das gaivotas competia com o murmurar da agitação que ia minguando aos poucos na feira livre. Era um zumbido de natureza e gente; um lugar onde o povo ainda ia tentando se ajeitar à paisagem e não o contrário. Um lugar longe, longe de tudo.

Em alguma esquina, alguém tocava um bandolim.

O homem estava com os braços apoiados na amurada do navio e observava tudo sem reparar em nada. Trazia nos olhos o mapa dos caminhos que havia percorrido. A barba estava irregular; a roupa, puída, tinha o cheiro do mar e suor. Trazia a mão fechada ao redor de alguma coisa e a bolsa de lona aos pés, carregando todo seu mundo.

Não quis descer para a cidade. Ele nunca descia. Trabalhava duro e silencioso, nunca reclamava. Só dizia sim senhor e obrigado e muito pouca coisa a mais. Fazia sua parte e nunca arrumava confusão.

A tripulação ainda considerava se o odiava. Ele provocava desconforto.

Ele era convidado a compartilhar a garrafa e só dizia não, obrigado. Era provocado para briga e pedia desculpas antes de dar as costas.

É, a tripulação o odiava. Ele estava há quase dois anos e meio no navio e permanecia um segredo tão grande para os homens quanto no dia em que surgiu, com a mesma jaqueta verde, a mesma bolsa e nenhuma história para contar.

Nos momentos de solidão mais íntima que só o infinito do mar oferece, durante as noites mais frias e silenciosas, os homens do navio buscavam uns nos outros o afeto que deixaram em terra. Nestas noites, muitos deles se reuniam no porão, em meio à carga e, debaixo de um lampião oscilante, criavam as narrativas de suas vidas.

Não raro, o homem calado era protagonista de suas fantasias.

“Eu soube que ele matou um duque”, dizia um. “Enfiou uma faca na barriga do sujeito e não parou até sujar o antebraço. É por isso que ele não tira a blusa. O sangue do nobre ainda está marcado na pele dele.”

Alguns se calavam. Pensativos.

“É besteira, seu caolho idiota!”, retrucava o outro. “Eu já vi ele sem a blusa. Ele tem nos braços as marcas do Rochedo Santori. A prisão na ilha.”

Os marujos se entreolhavam, respeitosos. Muitos ali eram familiares ao lugar.

“Uma marca para cada dia. Ficou pelo menos um mês naquele inferno e escapou vivo. Seja quem for, o homem é um herói.”

“Se ele sobreviveu! Eu ouvi, no porto de Omnia, que ele morreu todos os dias na prisão. Mas que voltava no dia seguinte, vivo!”

“E como é que ele fazia isso, Listrado? Hein?”, perguntava o caolho, com seu único olho arregalado. O narrador olhava em volta, baixando a voz.

“Ele trapaceava. Todos os dias descia pro reino de lá, e à esquerda da entrada do Inferno, parava em frente ao cipreste branco. Então, enganava a Morte e fazia ela beber da Fonte do Esquecimento. Desse jeito, ele conseguia voltar pro mundo dos vivos e a Morte não sabia que ele já tinha morrido!”

“Então, mais do que nunca, um herói!”

Alguns concordavam. Outros pensavam a respeito. Todos eles bebiam em sua homenagem. O navio sacudia. O lampião apagava, intermitente, e logo voltava a projetar sombras na madeira. A maresia entrava pelas frestas, sem ser convidada.

“Herói! Herói? O homi é um demônio.”

Todos se viravam. O Velho Sarrafo estava no fundo. Quase não haviam notado. Ele vinha gingando, apoiado nas cordas do teto baixo, deixando seu rosto surgir aos poucos sob a luz amarela.

“Vocês num sabe de porcaria é nada. Eu sei!”, ele batia o cachimbo na própria testa, para reforçar o que dizia. “O desgraçado ofendeu o próprio Netuno e por isso tá preso num navio. Por isso num desce, num pode chegar perto da terra. Ele tá pagano a dívida dele.”

“E o que foi que ele fez pra ofender um deus, Velho Sarrafo?”

O velho cuspiu e levou o barrete ao peito.

“Ele derramô sangue inocente n'água. Dexô a mulhé oiando enquanto ofendia Netuno.”

Silêncio.

“Pois eu ouvi que ele ofendeu foi Saturno, Velho Sarrafo!”

Os homens riam. O velho xingava, o óleo do lampião ia baixando e eles sobreviviam a mais um dia.

“Estou dizendo, capitão. Talvez seja melhor o senhor falar com ele.”

“Não se preocupe.”

Eles estavam olhando as costas do homem, imóvel na amurada. Lá adiante, a cidade já tomava seu rumo. Os marujos buscavam suas casas em outras casas.

“Os homens estão ficando inquietos mesmo, capitão. Talvez...”

“Já disse, Fuinha! Não se preocupe!”

Ele se encolheu, pedindo desculpas, e também pegou o caminho da cidade. Enquanto passava, lançou um olhar enviesado para o sujeito misterioso. O capitão permaneceu onde estava. Conhecia o homem, mais do que qualquer um poderia imaginar.

Por isso ele era o capitão.

Porque via o que mais ninguém via. Porque entendia. Seus marinheiros entravam no navio porque queriam buscar alguma coisa. Aquele sujeito só queria fugir. O capitão entendia. O capitão via; via a fotografia amassada por entre os dedos apertados sobre a amurada. Via aquele olhar familiar.

O homem baixou o braço e apanhou a bolsa no chão. Deixou o navio sem dizer palavra.

O capitão sorriu, porque sabia que ele não voltaria.

Ele finalmente tinha aprendido a perdoar. E era hora de pedir perdão.

*

Faixa 9

“É a verdade o que assombra”

“Oh, senhor! Me desculpa, eu... ai!”

“Não tem problema. Não se preocupe.”

A mocinha fica transtornada. Ela é desastrada, não é culpa dela. Ela está usando a barra do próprio vestido para enxugar a cerveja derramada e nem nota que está mostrando mais do que devia. Ela tem aquele tipo de inocência que não pode ser simulada. É pura. Ela me lembra muito...

Oh, que saudade. Por Deus, nunca me vi tão só...

O pai dela chama sua atenção e ela volta lá para dentro, ainda envergonhada. A taberna está cheia. O cheiro de suor se mistura com a fumaça pesada e carne assada, vômito e urina. Eu chego a me perguntar por que eu estou aqui.

Então eu reparo.

Eles estão me olhando. Me notaram. Sabem quem eu sou. Eu quase chego a amaldiçoar a menina; quando ela esbarrou em mim, minha capa deslizou um pouco. Eles viram o ouro em meu brasão e sabem quem eu sou. Vão querer me matar.

Os olhares sinistros. Disfarçam, todos eles; disfarçam porque sabem que eu notei. Fingem que conversam enquanto confabulam uma maneira de chegar até mim. De me confrontar. De roubar o pouco que ainda me resta. Malditos parasitas, mercenários sem honra e sem coração.

Eu puxo de leve a minha capa. Baixo a cabeça para minha caneca, mantendo os sentidos atentos. Não vão esperar uma reação minha. Eu noto o taberneiro conversando com a filha. Ela aponta para mim e o velho sacode a cabeça. Cabeça. Tem uma cabeça de javali atrás do balcão. Eles querem minha cabeça.

Eu tomo um gole, controlando meu coração. Respiro fundo e, maldição! Minhas mãos tremem, de antecipação, de nervoso. Deito a caneca com suavidade na mesa. Ainda me observam. O taberneiro está vindo para cá. Deixou a filha para trás, e vem para cá.

Eles me observam, sabem quem eu sou e vão querer me matar. Espadas compradas e malditas, mercenários sem honra.

Espada!

Minha mão roça de leve o pomo da minha própria espada e desliza para o cabo. Meus dedos se apertam ao redor do corpo da minha companheira.

Companheira! Oh, Deus...

Meus ouvidos se ataçam, minhas costas ficam duras. Eu desencosto da cadeira e me preparo.

O taberneiro chega à minha mesa.

“Filho”, diz o velho, sem bondade. “Você deve ir embora.”

Eu encaro o taberneiro. Ele é grande, mas idoso. Fala com firmeza e eu admiro isso. Eu mesmo sempre fui firme. Nós nos avaliamos e eu sei o que ele pensa. Sei que acha que eu posso causar muitos problemas para o lugar dele. Sei que acha que eu *sou* o problema. Ele tem um negócio a zelar, enquanto eu não tenho mais nada. Ele tem uma filha.

Eu respeito o homem e por isso eu me levanto, apanho minhas coisas e saio da taberna, ignorando os mercenários. O taberneiro bate a porta às minhas costas e então eu estou no fim de tarde, e caminho, simplesmente, porque eu tenho um objetivo. Porque eu tenho uma missão.

Eu deixo o vento quente e seco castigar meu rosto, eu deixo o cheiro da cidade me abraçar, como se recebesse um velho amigo. Falácia! Falsidade! Este lugar não tem amigos. Ao menos nisso, nós nos entendemos.

Eu ouço ruídos caseiros e algum canto da minha mente se acende, por um instante, e desaparece. Como um... como um relâmpago, resgatando das trevas da minha memória um sentimento familiar, que logo se queima, enrosca e desaparece. Sinto tristeza, mas ela também desaparece logo. Os cães passam, a sujeira se espalha. As pessoas têm suas rotinas. Deixo os pobres coitados me olharem, com curiosidade ou indiferença. Deixo eles encararem minha bolsa, que tilinta com violência enquanto eu ando. Deixo admirarem meu porte e criarem suas próprias teorias. Levo as mãos ao meu capuz e busco refúgio do sol vespertino nas sombras do meu rosto cansado.

Me observam. Não me importo em ser o objeto de seu entretenimento e conjecturas, porque eu sei que eles ainda estão presos. Porque eles não conhecem a verdade como eu conheço. Eles acreditam que trabalham por suas vidas miseráveis, que trabalham pelos seus. Que seu esforço os vai salvar de

uma vida medíocre. Pobres diabos, depositando a própria existência em uma fé cega e irracional, incapazes de enxergar que esta própria fé os vai destruir.

Eles não sabem de nada. Eles não questionam. Acreditam que suas vidas estão aqui.

Eu não pertenço a este lugar. Eu não pertenço mais a lugar algum.

Quando tiram de você todo o seu mundo, você conhece o inferno. Mas se tiver determinação, logo em seguida vem a liberdade. Não existe liberdade maior do que não possuir mais nada. Eu sou o único senhor dos meus domínios e posso agir apenas pelo meu sentimento feroz de dever. Por um instante fugidio, eu sinto vontade de agradecer ao inimigo por esta libertação, mas é claro que eu não faço isso.

Há um bosque ao leste e é lá onde eu vou fazer minha morada esta noite.

Por Deus, eu sei que é um sonho, mas não me permita acordar!

Ela sorri para mim na luz da manhã, parecendo quase mais leve, quase mais clara que a própria luz. Ela acena, me puxa pela mão, deixando meus dedos escorrerem pelos seus próprios dedos delicados e desaparece pela porta, com seu vestido rodopiando e brilhando.

Espera! Espera por mim!

Eu salto da cama e já estou com minha espada e estas roupas esfarrapadas de agora. A janela está aberta e a cortina tremula para dentro como um fantasma, arauto de meu tormento. Não encontro a porta. Eu chamo o nome de minha amada...

...Dulcineia! Dulcineia!...

... e ele ecoa pela galeria deserta da minha mente.

Eu me desespero e, neste momento, vem sua voz me resgatar.

“Por que está chorando, meu amado?”

Levanto meu rosto cansado para seu semblante amoroso e sinto o coração aquecer.

“Julguei que a tinha perdido, minha senhora. Mais uma vez.”

Ela me olha com compaixão consternada, sentindo minha dor. Toma minha mão calejada entre as suas e eu reparo na sujeira entre minhas unhas. Com tanto significado a me rodear, eu noto logo minha própria imundície. Sinto-me estúpido e, por um momento, envergonhado da minha própria existência. Tento ocultar estas mãos grosseiras dentro da minha capa, mas minha senhora impede

o gesto com uma sutileza que não é humana.

“Não diga bobagens, meu amado. Você nunca me perdeu. Eu sempre estive aqui, dentro de você.”

Eu choro como uma criança que não consegue se lembrar o beabá para recitar; envergonhado, triste, querendo mais é que o mundo inteiro estacione e eu possa fugir deste momento. Minha querida Dulcineia me embala em seus braços amorosos e permite que eu deposite em seu colo minhas lágrimas arrependidas. Meus olhos transbordam, eu sinto queimar as faces, como se fogo líquido se desenrolasse. Fogo.

Dragão.

Eu levanto a cabeça, assustado, mas ela ainda me olha com ternura.

“Vai ficar tudo bem?”, eu pergunto. Ela nada responde, apenas arqueia as sobrancelhas, levantando um sorriso indefinido.

“Vamos”, ela diz e, quando levantamos, eu reconheço o jardim das minhas terras. Árvores frondosas e bonitas, com frutos fartos. Nada lembrando os galhos secos e retorcidos de agora.

Minha terra. Só minha. E de minha amada.

Até onde meus olhos alcançam, as flores reluzem sob a luz da lua e das estrelas. Um mundo prateado e bonito, meu e dela. Um mundo de natureza e paz, onde os animais cantam sua canção e o rio, correndo satisfeito, marca o ritmo constante. Está de noite e a brisa move meus cabelos. Nós alcançamos nossa casinha, tão bonita e pequenina! Com seu telhado meio torto, do tamanho certinho para apertar o nosso amor e nos aquecer quando faz frio. Sento na grama, em frente à varanda e o cheiro de café torrado preenche meu nariz, minha garganta. Me viro para Dulcineia e ela tem os olhos fechados, em paz. Sua silhueta espectral está recortada sob uma abóbada completamente estrelada. Nenhum céu é mais bonito que o céu da minha terra.

O amor da minha vida cirandeia feliz, e desliza na minha direção. Passa a mão pelo meu rosto sofrido, me abraça e sussurra no meu ouvido:

“Me vingue. Mate aquele filho da puta.”

O sol atinge meu rosto de uma vez só, como se estivesse escondido atrás de um gigante espelhado, aguardando o momento de me atacar. Nesta hora, eu ouço as buzinas altas das bestas velozes em alguma rodovia próxima ao bosque e acordo assustado. Desorientado.

Está um calor que machuca o corpo, que faz doer a cabeça. Eu estou

desidratado e minhas narinas ardem com o ar seco. Levanto minha capa do chão, estendendo o braço por baixo dela com calma, mas então, jogo tudo para o alto com desespero. Tateio à minha volta, olhando debaixo dos arbustos espinhosos e solto um grito de lamento, batendo na minha testa já dolorida com força.

Acho que eu perdi o meu cantil na taberna. Não tenho água. Sinto vontade de chorar, mas, de novo, estou seco por dentro. Que merda de jornada!

Enquanto me lamento, sentado na poeira do bosque, vejo uma sombra que se estende sobre minhas posses espalhadas. Levo logo a mão à espada, mas antes que eu possa fazer meu pior, a voz de criança me desarma.

“Eu conheço o senhor.”

Eu pisco os olhos, contra o sol forte, erguendo meu queixo. Largo o cabo da espada e protejo a vista, tentando discernir a silhueta. A menina não deve ter conhecido muito mais do que uma década ainda. Não deve ter experimentado a agonia e o êxtase do mundo.

“Já vi o senhor pela rua”, insiste a pequena infante. Como eu não digo nada, ela repete.

“Eu conheço o senhor.”

Aí está. Era um risco que eu corria, e não pode ninguém me acusar de não ter antecipado a possibilidade. Eu sou famoso. Sou um lorde, um herói, um aventureiro. Cedo ou tarde, iriam me reconhecer. Como explicar à pequena camponesa meu estado atual? Devo eu explicitar minha própria vergonha?

Porque não me tome qualquer por tolo. Eu tenho perfeita consciência de meu estado. Eu sei que não sou agora senão uma sombra do homem que já fui um dia. Mas se sou hoje um condenado do descaso que assola nosso mundo, sou também livre. E tenho um objetivo.

Eu digo tudo isso à menina, e só então reparo no pacote em sua mão. Ela me olha, sem emoção.

“Meu nome é Mariane”, ela diz, esperando minha contraparte. Eu apenas faço uma reverência.

“Muito prazer, milady.”

Ela fica em silêncio por um instante, avaliando. Está a pelo menos quatro passos de mim. É esperta, a garota. Se me conhece, como diz, conhece minha fama. Conhece as histórias. Sabe que sou um homem perigoso e por isso é cautelosa com a distância. Mas também sabe que sou justo, por isso, fala comigo. Porque tem o coração puro e sabe que nada deve temer.

“Certo”, diz ela por fim. Considera, por um instante, e se aproxima. Coloca

o pacote que traz enrolado em uma manta perto de mim e dá mais um passo para trás.

“Eu trouxe comida. E um pouco de água. Achei que o senhor iria precisar.”

Eu desfazo o nó com cuidado. Ela não mentiu; trouxe provisões. O gesto me deixa tocado, não vou negar. Mas eu só agradeço depois de beber um longo gole e sentir minhas entranhas sendo preenchidas de água novamente. A menina me observa em silêncio.

“Muito obrigado, milady.”

“Ok”, ela diz. E depois “Minha mãe me diz que eu não devo negar comida.”

“Você mora por aqui?”

Ela faz um gesto vago, como quem diz “por aí”. Eu como um pouco.

“Eu tenho trabalhado o dia todo”, ela me diz.

“O trabalho é bom, milady. Nos engrandece.”

“Você trabalha?”, ela quer saber.

Eu limpo a boca com as costas da mão. Encaro a criança por debaixo do meu cenho fechado. Mariane faz menção de recuar.

“Desculpa. Não quis ser mal educada.”

“De modo algum, milady. Não me sinto ofendido. De fato, eu trabalhava. Agora, como eu disse, eu tenho um objetivo.”

“Isso é sempre bom”, ela responde, fazendo círculos na areia com o calcanhar. Pela primeira vez eu reparo em seus olhos claros, um forte contraste com a pele escurecida pelo sol. Os cabelos também são claros e curtos, tão secos quanto a terra, e tão espalhados para todos os quatro cantos quanto o vento.

“Por isso estou na estrada.”

“Para cumprir seu objetivo?”

“O mundo é um lugar injusto e cruel, pequena.”

“Nem me fala”, responde ela, olhando para as próprias mãos.

“O que eu tinha me foi tomado. Eu fui um nobre, fui um senhor. Tinha uma vida próspera e feliz, mas o mundo é cruel. Eu tenho um inimigo e ele levou o meu castelo e minha princesa.”

Mariane não parecia impressionada. Em seus poucos anos naquela vila, já devia ter conhecido a miséria e a violência de um modo que as meninas da corte só ouviriam falar.

“E agora”, eu continuei, “eu tenho cruzado abismos e desertos, terras inomináveis, vencendo léguas sem fim, enfrentando bestas com as quais milady apenas sonharia, apenas para igualar as contas e ter minha vingança.”

“A vingança nunca é plena”, retrucou a menina, com um meio sorriso, quase como recitasse uma velha anedota. Não lhe dei muita atenção; que lições ela poderia me dar?

“Lady Mariane, eu tenho meu dever. Devo enfrentar o vilão do estandarte roxo; devo encontrar e assassinar o Duque Fernando, em seu palácio das Duas Torres, e recuperar o equilíbrio do mundo com a justiça.”

“Fernando?”, a menina levantou uma sobrancelha. Uma boa história sempre intriga. Saquei minha espada e finquei sua ponta na areia. A camponesa soltou um gritinho.

“Eu tinha meu próprio palacete, numa terra verdejante e calorosa. Uma cabana sob o sol e a lua. Minha amada. Tinha a primavera. Mas o vil Duque chegou, com seus sorrisos e promessas e eu acreditei nele. Traição, foi o que eu encontrei. O maldito trouxe sua ganância e confiscou meus sonhos. Suas promessas vazias levaram embora minha vida. Eu devo me vingar.”

A menina se aproximou, cautelosa. A visão da arma a abalou, por certo. Se abaixou, mantendo os olhos nos meus.

“O senhor não precisa disso. Se quiser trabalho, eu posso falar com a minha mãe. A gente arruma um lugar pro senhor ficar. Ninguém aqui tem nada de luxo, mas dá pra viver a vida. Comida, um pouco de TV, cama. Tudo isso a gente tem um pouco.”

Por um momento, sinto-me emocionado de verdade por aquele arroubo de inocência e pureza. Sinto vontade de me curvar à pequena dama, mais digna que qualquer pequena da nobreza. Percebo sua boa intenção, mas tenho pena de sua visão simplista de mundo.

“Eu agradeço, milady. Mas devo retomar minha jornada.”

Me levanto, espano do corpo a areia acumulada durante a noite e recupero a espada. Lady Mariane também se levanta.

“Vou precisar do pano de volta”, ela diz, apontando para o chão. Eu apanho o tecido que trouxe para mim o alimento do dia e, com uma medida, o entrego à pequena. Ela o recebe e o dobra de maneira grosseira, observando em silêncio enquanto termino de juntar meus pertences.

“O que tem nessa bolsa?”, ela pergunta, enquanto levanto minha ressonante bagagem.

Eu apenas sorrio para a pequena.

Meu corpo está fustigado, maltratado pela jornada. Nos reflexos, não me reconheço. Estou mais magro, mais feio. Minha barba está mais longa e alguns dentes me abandonaram. Eu sei que não pareço bem, mas hoje, nada disso importa.

Eu estou explodindo de alegria. Hoje, eu encerro meu destino.

Não foi fácil rastrear os movimentos do maldito, mas eu quase não acredito quando eu olho para o jardim daquele palácio e lá está ele, sorrindo como se o mundo fosse seu. Minhas mãos tremem de antecipação.

O maldito caminha, com seu séquito de bajuladores e praticantes de macabros rituais. Eu sou invisível, eu sou o herói. Será que ele pensa mesmo que eu não vi o que ele fez aos pobres animaizinhos naquele terreno afastado? A sujeira penetrou a terra e deixou sua marca. Que espécie de monstro se presta a tais situações? Um monstro confiante em sua impunidade, que acredita que ninguém mais pode ver seu lado grotesco. Não contava com minha habilidade. Eu vejo o que ninguém mais pode. Eu sou silencioso, eu sou o espírito da vingança. Eles não me vêem, não reparam em mim. Eu estou em todos os lugares.

Aquela prostituta está com ele. Minhas tripas se reviram. Meus olhos me enganam ou ela usa o vestido que pertencia à minha amada Dulcineia? Meus sentidos estão dormentes. Meu corpo deseja apenas uma coisa. Com as mãos trêmulas, eu verifico as amarras em meu corpo. Está tudo firme, por debaixo da capa. Nada pode falhar agora.

Eu me abaixo atrás de uma mureta, com dificuldade. Meus movimentos estão restritos. Minha respiração está encurtada. Preciso manter a calma.

Eles correm agora, fugindo do tempo. Mas não podem fugir de mim. O duque vai atrás da comitiva, rindo. Como ri, o desgraçado. Ri na cara de todos nós. Limpa as gotas do rosto e ri para sua vagabunda.

Esta terra é árida, mas a tempestade se aproxima, avassaladora, contradizendo a lógica da natureza. Poderosas nuvens negras estão se aglomerando no céu, como volumosos colossos belicistas se apresentando ao dever, tomando a imensidão do firmamento como seu terreno de glória e batalha. Uma teia luminosa envolve a cúpula negra dos céus e desaparece, reverberando por todos os cantos.

A comitiva passa por mim. O céu negro se coroa de luz e ilumina meu olhar determinado. Eu me levanto.

“Duque Fernando! Chegou o momento de pagar sua dívida!”

Meu brado deixa os pulmões com tamanha potência que sobrepuja a revolta da tempestade que se anuncia. O séquito segue adiante, mas eu consigo chamar a atenção do homem necessário.

O duque se vira, lentamente, piscando algumas vezes. Não acredita no que está vendo.

Não acredita que seu destino está ali, na sua frente.

Ele reduz os passos, até parar de vez. Então, caminha em minha direção. Demora alguns instantes até que sua comitiva perceba o que está acontecendo.

“O que está acontecendo aqui?”, pergunta a meretriz, acompanhando os passos do marido. Os soldados, protetores juramentados do tirano, e tão criminosos quanto ele, correm para cumprir seu dever desonrado.

O duque levanta uma mão, interrompendo a ação dos acéfalos trogloditas. Parece se divertir com a cena, o maldito.

“Quem é este mendigo?”, pergunta com um sorriso, para ninguém em especial. Inclina a cabeça para a minha direção, como se me estudasse. “Isso é coisa do Paulinho, não é?”

E atira a cabeça para trás, numa gargalhada, todos aqueles dentes brancos enfileirados, infinitos.

Sinto o sangue ferver em minhas veias. Então, o vilão ainda tinha a audácia de me destratar. Fingia não me reconhecer. Fingia não saber o que fez comigo, e isso quase machuca mais que todo o mal que ele inflige ao meu país.

“Eu não sou um mendigo, seu maldito! Eu sou sua justiça!”

O trovão pontua minha colocação. O maldito explode em renovada gargalhada. Agradece e acena para que o passeio continue.

Ele me dá as costas. Depois de tudo, ele me dá as costas! Aquilo é demais.

Com um movimento, atiro para o vento inclemente minha capa. Minha armadura reluz com o relâmpago, expondo o brasão em meu peito protegido. O metal em meus braços ressoa quando saca minha espada, cortando o ar em uma elipse perfeita, e aponto na direção de meu algoz.

“Lute comigo, maldito! Lute como o homem que você nunca foi! Pague pelos seus crimes!”

O duque olha para trás. A puta leva as mãos ao rosto.

“Ele tem um facão! Alguém faz alguma coisa!”, ela grita.

Os guardas buscam por suas armas. O duque se encolhe de medo no

momento em que eu ergo novamente minha espada aos céus.

“Eu sou a vingança! Me enfrente!”

Então, o céu se incandesceu de repente e o mundo inteiro se desacelerou com um som que me fez imaginar a grande Árvore da Vida, ressecada e morta, se rompendo de apenas uma vez. O poder da justiça divina me foi concedido e minha espada se iluminou. Todo meu corpo foi tomado da energia do poder e o mundo gritou alto, anunciando o que estava por vir.

Eu sou metal, raio, relâmpago e trovão.

Eu sou a justiça.

Com o corpo tomado, apontei minha arma para frente. O mundo era o duque e eu, e todo o resto se esforçava para nos acompanhar.

“Você acha que pode vir até minha casa e me desafiar?”, gritou o duque, erguendo as costas e vencendo a tempestade. “Eu sou invencível!”

“Você não é”, eu respondi, quase não reconhecendo minha própria voz, profunda e estrangeira. “Você é o que há de errado no mundo e se eu não posso extirpar toda a maldade que há, eu posso pelo menos fazer você pagar pelos seus atos!”

“Eu não fiz nada que outro não faria, seu tolo! Não fiz nada que você mesmo não faria, se tivesse a oportunidade.”

Ele circulava o terreno, enquanto falava. Estava tentando ganhar tempo, eu sabia. Eu apertei o cabo da minha espada com mais força, sentindo o poder elétrico fluir por entre meus músculos. Enquanto disparava bravatas, o duque se contorcia em terríveis espasmos e seu peito inflava. Ele falava e cuspiu, ficava de cócoras e se levantava. Mantinha os olhos em minha espada e sorria seu sorriso enorme, grotesco.

Eu devia tomar cuidado. Precisava encontrar o momento certo.

“Sim, eu fui um tolo”, disparei, através da ventania que nos cercava. “Fui um tolo por acreditar em suas promessas, bandido! Você se alimenta do que é roubo e cospe em toda honra.”

Ele fazia troça da minha revolta. Enquanto eu falava, ele expressava seu corpo com pilhéria, exagerando nos movimentos que pretendiam mimetizar minha condição. Eu sabia que ele fazia isso para me provocar, para minuar minha concentração. E eu odiei com força o fato dele ter tido sucesso. Ele cuspiu no chão, sem controlar um espasmo que fez sua cabeça se erguer num ângulo estranho.

“Você quer saber quem te vendeu, seu idiota? Quer saber?”

“De você, eu só quero uma coisa: que morra!”

E eu investi com a espada. O ódio guiou minhas mãos e eu falhei na habilidade que deveria ter. O duque esquivou com facilidade.

“Onde estava sua amada Dulcineia naquele dia, hein? No dia em que você perdeu tudo. Você nunca se perguntou isso? Não parece para você” – ele interrompeu, para extravasar um grito – “que foi tudo fácil demais?”

Eu me recuperei do golpe fracassado e o encarei bem nos olhos. Ele sorria. Um sorriso que ia se expandindo e enchendo de dentes conforme seu peito inflava. O vilão cumpria seu papel e se regozijava nisso.

Eu hesitei. Ele reparou, saboreando aquele sucesso, sorrindo ainda mais.

“Nada disso seria possível sem ela. Na verdaaaaa” – novo espasmo – “na verdade, eu devo muito a ela. À sua querida Dulcineia. Ela *vendeu* você, seu tolo!”, gritou e gargalhou, convulsionando a própria figura deformada.

“Você está mentindo.”

Minha voz falhou. Ele notou e contou isso como mais uma vitória.

“Agora eu tenho tudo. Inclusive ela. E você não tem mais nada”, ele sussurrou, muito próximo do meu ouvido, enquanto sua garganta regurgitava e seu corpo se agitava.

Eu senti o poder do relâmpago desvanecer aos poucos. Caí de joelhos. Exausto.

Fora do furacão, avistei os soldados e a meretriz, congelados no tempo.

E vi algo mais.

Vi o rosto de Dulcineia sorrir para mim. Eu estendi minha mão enquanto minha amada se aproximava. Seu sorriso se transformou em maldade. Quando nossos olhos estavam a um palmo de distância, senti o chute vigoroso do duque em meu rosto.

Rolei pela lama. Era muito fácil continuar lá.

Eu quis desistir. Não me importei em desapontar ao mundo.

Seria possível, então, ter eu vivido uma grande mentira? Seria minha vida e minha vingança nada mais do que uma ilusão, um mero retrato disforme da realidade cruel? Reconheci todo o meu pesar naquela insinuação vilanesca de traição e, por Deus, eu duvidei realmente da única certeza que me aquecia o coração.

Não.

Eu me lembrei de tudo. Do amor de Dulcineia. Da minha terra.

Não iria me entregar sem lutar.

“Eu tenho algo”, disse, com dificuldade, enquanto me levantava “que você não tem, seu maldito.”

Estava em pé. O duque já não era mais ele; era algo deformado e vil.

“Eu tenho ainda meu coração!”

Os céus responderam ao meu chamado. O poder do relâmpago era meu novamente.

O duque cedeu ao derradeiro espasmo e se contorceu mais uma vez quando seu corpo mundano explodiu e deu à luz uma criatura medonha, sua verdadeira face inflada.

O dragão se ergueu numa montanha de músculos, gordura e sujeira. Seu rugido bestial ecoou pelos recantos melancólicos daquele serrado.

Eu avancei com minha espada, quando veio o sopro quente tentar me dissuadir. Recebi o fogo, sentindo o metal se aquecer. Rolei pelo chão, levantei em um salto. A fera abriu a bocarra do inferno para me receber, enquanto a lâmina iluminada descia com a fúria justa do meu esforço.

O relâmpago imortalizou a cena num instante eterno e fugidio, quando o trovão abafou o grito estridente que entregou a morte da besta.

Quando tudo era novamente silêncio, eu estava finalmente em paz. Um enorme vazio acalentou minha existência e, se por um momento ele me assustou, em breve me trouxe o descanso merecido. Sentia que não conseguiria mover os músculos novamente, mas, não me preocupava com isso. Como sempre, ela veio me resgatar.

A cortina de luz limpou a tempestade. Minha amada Dulcineia me estendeu uma mão feita de pura claridade.

“Você fez, meu amado. Você fez por mim.”

Eu mal podia abrir os olhos.

“Eu sempre faço. Sempre farei.”

Ela sorriu e me ajudou a levantar. Caminhamos.

“Eu sabia”, ela disse, após um tempo.

“O quê?”

“Que nossa história não estaria completa sem o final feliz.”

Eu parei, segurando sua mão. Me perdi nos lagos profundos de

seus olhos. Então, a beijei com toda a ternura.

“Nós apenas começamos, meu amor.”

*

Faixa 10

Ela encarou o próprio reflexo: amplo, distorcido, o sorriso com um algo de sinistro, lembrando o de um gato prestes a desaparecer no ar. Sorriu ainda mais expansivamente quando a imagem se formou em sua mente, porque seu nome era Alice, mas também sorriu porque gostava de olhar para os próprios dentes, largos, esticados. O cabelo, normalmente oscilando entre tons muito escuros, ganhava reflexos alaranjados e sombras que ajudavam a definir os cachos conforme a grande lareira crepitava. Ela moveu o queixo para cima, devagar, permitindo que a própria imagem ficasse afunilada e o nariz se erguesse pequenino, e depois baixou novamente a cabeça. Girou o conhaque e finalizou o copo em um único gole.

Levantou o copo, significativamente e com uma lentidão proposital. Não se movia gratuitamente, assim como não desperdiçava palavras. Agia com objetivo e uma intenção não declarada, mas bastante perceptível. Todos os sinais que emitia eram flechas tranquilas, confiantes de que encontrariam o alvo ao final da jornada.

A garçonete, uma menina magrinha e sem graça, com olhos grandes demais para ser interessante, se aproximou.

“Pois não?”

Alice estava com as costas meio largadas sobre o encosto da cadeira. Displacente, mas não desleixada. Trazia o queixo meio enfiado no peito, como uma mensagem deixada no ar. Quando a garçonete se aproximou, não expressou nenhuma intenção de se mover mais que o absolutamente necessário. Apenas deslizou os olhos da atendente para o copo vazio sobre a mesa e dele de volta para a garota.

A Leila, por sua vez, do outro lado da mesinha redonda, também estava largada sobre o encosto da poltrona, mas sorria enquanto brincava de forma distraída com o cachecol, enroscando os dedos nos buracos largos entre os pontos de lã.

“Estou bem, obrigada”, disse, quando a garçonete se voltou para ela.

Ficaram observando enquanto a garota se afastava. O restaurante era um lugar pequeno, mas aconchegante. Tinha largas pedras ásperas cobrindo as paredes até metade da altura, e vigas de madeira sustentando o teto a partir daí.

Na parede, sobre a lareira alta, havia um grande quadro mostrando navios atracados sob um céu alaranjado, com todas as cordas e mastros criando padrões intrincados contra as nuvens volumosas. Em primeiro plano, na pintura, um homem com o rosto coberto pela sombra do chapéu tocava um bandolim.

A um canto afastado e mau iluminado do salão, um casal idoso estava sentado em silêncio em um sofá coberto por uma manta que lembrava muito uma rede de pesca. Eles mantinham os dedos enroscados nas mãos uns dos outros e encaravam a lareira, do outro lado. Em uma mesa redonda, semelhante à que as mulheres estavam, um rapaz dragava colheradas de sopa sem qualquer pressa. A intervalos afastados, era possível ouvir o som da colher batendo no fundo da cumbuca de cerâmica.

Quando a garçonete desapareceu por detrás do balcão de madeira, ambas as mulheres endireitaram os corpos e se encararam, como se houvessem ensaiado.

“Então...?”

Alice encarou sua companhia durante alguns instantes antes de um movimento de suas sobrancelhas grossas indicarem que algo ali dentro da cabeça havia acabado de ser fisgado.

“Lumbini. Lugar maravilhoso. Foi uma experiência renovadora. Eu pude verdadeiramente me reconectar com a essência do mundo. Pude sentir a energia que flui pela natureza. Entende?”

“Claro.”

Os dedos de Alice deslizavam suavemente sobre a superfície da mesa, desenhando círculos imaginários na madeira. Parecia realmente compenetrada nesta atividade, mas sabia que estava apenas dando tempo para ser observada. Permitindo que suas palavras fossem digeridas. Quando julgou suficiente, emoldurou os olhos negros por debaixo das sobrancelhas.

“Você já conheceu?”

“Lumbini?”, perguntou Leila, surpresa.

“Isso. Já conheceu?”

A outra atirou a cabeça para trás, numa risada gostosa.

“Não, querida... Desculpa te desapontar, mas eu ainda não tive a chance de conhecer o berço do budismo. Eu imagino que seja uma coisa que as pessoas costumem fazer, mas infelizmente eu ainda não consegui.”

Alice sorriu.

“Pois então você deveria vir comigo, numa próxima vez.”

“Ou você poderia me pagar mais um jantar ou dois antes de me arrastar para o outro lado do mundo para ver o lugar onde Sidarta nasceu.”

“Ou isso”, concordou Alice, com a lareira fazendo seus olhos brilharem ainda mais. Àquela meia luz, era uma felina, focada.

“Então, me diga”, falou Leila, se ajeitando na poltrona. “Você foi para o Nepal. E antes, Índia, Camboja...”

“Machu Pichu. Moçambique. E mais”, completou.

“Realmente, um roteiro impressionante. E por quê?”

Alice piscou, em dúvida.

“Como assim?”

“Por que esses lugares todos? Você simplesmente sentiu vontade e foi?”

“Eu pesquisei antes. Estudei sobre o que eu esperava encontrar e comprei as passagens. Simples assim.”

“E o que exatamente você esperava encontrar?”

Alice respirou fundo, fazendo uma pausa antes de inclinar de leve o corpo sobre a mesinha.

“Respostas. Eu queria entender o mundo e traduzir isso para a minha arte.”

Do outro lado, Leila também inclinou o corpo para frente, de uma maneira um pouco mais afetada e teatral do que esperava, e sussurrou.

“Uau. É um objetivo bastante modesto, não acha?”

Alice ficou em silêncio. Um pouquinho incomodada. A outra sorriu e voltou ao normal.

“Eu estou só brincando. Você queria conhecer o mundo, encontrar as respostas. E decidiu encerrar a busca logo aqui? Numa ilha perdida no meio do nada?”

Alice correu um dedo lentamente pela gola da camisa, parando no primeiro botão, que logo foi aberto. Fixou os olhos na outra mulher.

“Em algum momento eu precisava voltar para casa, não é? Aqui me pareceu um lugar bonito para uma última parada. E quem sabe eu não encontro uma ou duas respostas aqui?”

Leila sustentou o olhar, com um semi sorriso.

“Quem sabe.”

“Você poderia me ajudar. Afinal, esta é a sua casa. Talvez eu ainda não tenha visto tudo que há para se ver aqui.”

Não houve resposta, porque neste momento a garçonete retornou. Depositou um copo arredondado com a bebida cor de cobre e uma fina fatia da casca de um limão muito verde de um lado da mesa e um copo estreito e comprido, bastante colorido, de outro.

“Por conta da casa, dona Lê”, disse, sorrindo. Leila recebeu a bebida colorida com uma surpresa divertida e ergueu o copo, saudando a garota.

“Obrigada, querida.”

A menina se sacudiu de leve e saiu de cena. Com o copo ainda no ar, Leila voltou a atenção à companheira.

“Às respostas então!”, brindou. “Que o meu lar complete sua jornada.”

Alice respondeu ao brinde e tomou um gole, sem desviar a atenção da outra mulher, que também experimentava da própria bebida.

“Você deve ter feito muitas amizades”, disse Leila, colocando o copo sobre a mesa. De alguma vitrola vinha o som de um piano. “Nas suas viagens. Você deve ter conhecido muita gente.”

“Não particularmente”, respondeu, aparando com a ponta do dedo uma gota de conhaque do lábio. “É meu ano sabático. Eu fui pelos lugares, pela energia. Pela iluminação.”

“Entendo. E você se sente mais... ‘iluminada’?”

“Sem dúvida. Todo mundo deveria passar por essa experiência. Talvez a humanidade ainda tivesse uma chance caso se esforçasse mais por isso.”

“É mesmo? Como assim?”, perguntou Leila, brincando com a borda do seu copo.

“Ora, pense comigo. Iluminação é justamente o que falta para o mundo. Você não concorda?”

Era retórico, e ela não esperou por uma resposta. Mudou o tom da voz para aquele professoral que costumava ostentar nas ocasiões em que iniciava um discurso.

“A humanidade está atirada em um fosso de ignorância e estupidez. Nos trancamos em nossos cubículos animais, fechados em nossas baías em escritórios assépticos, como gado esperando pelo abate, encarando com expectativa a perspectiva vazia de um futuro consumista. Nos entregamos ao entretenimento de massa, rindo dos absurdos e nos alimentando de tragédias televisionadas, nos preocupando com a roupa que vamos poder comprar no fim do mês e com que festividade carnal vamos entorpecer nossas mentes no final de semana. Mas tudo bem, nós realmente não vivemos em um período de trevas.

Porque existe, sim, uma iluminação. Sabe qual é a única luz que nós vemos nisso tudo?”

Desta vez houve uma pausa e a pergunta ficou no ar. Ao perceber a deixa, Leila torceu os lábios e sacudiu de leve os ombros, indicando que não tinha uma resposta para oferecer. Alice recebeu o sinal com satisfação.

“A única luz é que vem da tela fria dos nossos monitores, dos computadores que são a nossa descarga de realidade simulada.”

Houve silêncio. Alice apanhou o pingente que trazia ao pescoço entre o indicador e o polegar. Esperando, desfrutando o silêncio, antecipando o efeito que sabia exercer sobre as pessoas. Jogando o jogo.

“Poxa”, disse Leila, por fim. “Que coisa.”

A pálpebra direita de Alice tremeu, bem de leve, mas quase não deu para perceber. Rápido, ela se recuperou.

“Eu posso ver que você discorda de mim.”

“Não, não...”, começou Leila, erguendo as palmas para a frente. Mas, por fim, deixou as mãos caírem, respirou fundo e soltou o ar de uma vez.

“Está bem. Tá. Você quer conversar. Tudo bem. Quer saber mesmo o que me incomoda? É esse seu discurso pronto. Essa pose. Você quer que eu acredite no quê? Que você é uma pessoa culta? Que você é inteligente e crítica simplesmente porque gosta de reclamar? Você é só uma arguta repetidora do senso comum. Você é justamente o tipo de coisa que você critica.”

“Você está sendo simplista”, respondeu, seca. Os ombros se tensionaram um pouco, na defensiva, enquanto o rosto se contorcia numa careta involuntária. “O que eu acho é que você acabou de me conhecer. Você não pode me julgar por...”

“Mas é justamente isso que você faz!”, interrompeu Leila. “Na verdade, eu estou fazendo até mais do que você. Você sequer dá a oportunidade de conhecer as pessoas. Visitou metade do planeta, mas foi como se não houvesse saído do próprio quarto. Ficou focada só em você mesma. E quer vir falar de budismo, iluminação e tudo isso? O que o budismo diz sobre o ego, hein?”

“Isso é ridículo! Eu já vi mais do mundo do que você jamais vai ver, enfiada nesta ilha! Eu vi de perto o que o mundo é capaz. *Eu* estive lá fora. Eu vi como as pessoas vivem, está bem? Quem de nós duas aqui pode falar que conhece mesmo a humanidade? A verdade é que a humanidade é desumana!”

Leila deu um tapa na mesa, tão alto, que chamou a atenção até do casal de velhinhos.

“Está vendo? É isso que eu digo! Você fica aí, muito satisfeita com suas frases de efeito e não tira nem mesmo um minuto para perceber que, sinto muito, minha querida, mas você faz parte dessa mesma humanidade que você gosta tanto de criticar por aí. Me desculpa, eu não quero ofender, mas... Você me disse que é uma artista. É isso que você faz? Você chama essa reclamação sistêmica de arte?”

Alice segurava o copo entre ambas as mãos. Com força.

“Eu observo. E depois, apenas relato o que eu observei.”

“Você observa, sim. De cima de um trono, distante da coisa real. Nós estamos aqui há, o quê? Algumas horas. Nós nos conhecemos, você quis me pagar uma bebida e eu pensei ‘claro, por que não? Ela pode ser uma pessoa interessante’. Porque eu me esforço, de coração, para não julgar ninguém, apesar do que você diz. Eu dei essa chance. E só o que escutei durante esse tempo todo foi essa conversa sobre como você é incrível e iluminada e sei mais o quê. Nos momentos em que você não está falando de si mesma, o que você faz? Destila maldades sobre as pessoas e expõe tanta falta de informação e grosseria... Puxa!”

Alice mexia, nervosa, nos cachos do cabelo. De trás do balcão, a garçonete assistia à cena, curiosa e um pouco apreensiva. Não se ouvia mais a colher raspando a cumbuca de sopa.

“Maldade? É isso que você acha que eu falo? Eu vou falar para você o que eu faço então.”

“Por favor”, respondeu Leila. E, então, provocou. “Me ilumine.”

Alice ignorou o comentário. Sentia calor e tinha bem certeza de que isso pouco tinha a ver com a lareira. Apesar disso, sentia o corpo trêmulo, sentia-se exposta; uma sensação terrível.

“Se o que eu digo é agressivo, é porque eu traduzo a realidade nos meus comentários. Transpareço isso na minha arte, que você fez questão de ridicularizar. A realidade é agressiva, porque o mundo está repleto de violência em vários sentidos. De dor. Na verdade, tudo é dor...”

“...e toda dor vem do desejo de não sentirmos dor’. Era isso que você ia dizer?”

Alice ficou em silêncio, sentindo as orelhas esquentarem. Na poltrona à sua frente, Leila sorriu, encarando o próprio copo colorido.

“Está vendo o que eu quero dizer, querida? Frases feitas. Você estava prestes a citar uma nobre verdade da doutrina de Buda. Eu tenho certeza de que você leu isso nas suas viagens e achou fantástico. Guardou num potinho para

usar no momento certo. Mas eu tenho certeza de que não gastou um minuto para pensar a respeito, para conversar com alguém e refletir. Esta frase é um ensinamento. E você sabe o que ela nos ensina?”

Alice ficou em silêncio, com as sobrancelhas muito juntas.

“Não significa que nós só perpetuamos a dor por onde passamos. Não é uma questão de simplesmente como nós afetamos o mundo, mas de como o mundo nos afeta também. Nos ensina que o sofrimento existe, não importa o que façamos. Às vezes vai doer e, quer saber? Aceita. Aceita a dor, abraça ela e aprende alguma coisa com ela. Aceita que às vezes a tristeza vai vir e usa esse tempo para refletir sobre coisas que a felicidade não permite você enxergar.”

Fez uma pausa, encarando a lareira por alguns instantes. Retirou o cachecol colorido e o depositou sobre o colo, sentindo o ar tocar o pescoço.

“É inútil você tocar o fogo e reclamar que ele queimou”, continuou. “Aceita. As pessoas têm medo de muitas coisas, porque não conseguem entender seus significados e, por isso, por temor, às vezes se revoltam. É difícil mesmo entender certas coisas. As pessoas têm medo do sofrimento, da dor, e por isso criam mil estratégias para fugir dessa dor. Qual é o resultado disso? A dor vem, muito pior. Porque você não pode evitar ela. Você não pode evitar o fogo de queimar ou a água de molhar. Você não pode lutar contra certas coisas. Aceita. Não é bonito quando você entende isso?”

“Minha querida”, continuou Leila, baixando os olhos “é isso que temos que fazer. Você quer fazer arte? Você tem uma escolha nas mãos agora; pode escolher que tipo de pessoa, que tipo de artista quer ser. É muito fácil criticar simplesmente. Mas é ordinário demais e você não está ajudando ninguém.”

“Quem disse que eu devo ajudar? A arte deve doer. Provocar”, alfinetou.

“Ótimo. Pois que doa, que provoque. Mas e daí? Vai ser simplesmente isso? Olhe, deixe eu falar uma coisa. Deixe eu dar a *minha* visão de mundo agora. Da maneira como *eu* vejo é como se nós, todos nós, todas as pessoas do mundo estivéssemos em uma mesma escola. Somos todos estudantes aqui e, por Deus, eu lembro como a escola podia ser um saco.

Mas esta escola, esta aqui, é um pouco diferente, porque ela demora a vida inteira. E todos nós temos como objetivo passar de ano. Algumas pessoas têm mais dificuldade em algumas matérias; para outras, aquilo é a mesma coisa que nada. Mas, e aí é que está o pulo do gato, só vai dar certo se *todo mundo* passar de ano. Está me acompanhando? Então, o que se deve fazer? Quem entende melhor um assunto tem que explicar para quem está com dificuldade. A beleza nisso é que não existe um único aluno que sabe tudo, ou um que não sabe nada:

cada um pode colaborar com o outro. Todo mundo deve se ajudar. Daí, todo mundo passa de ano - viva! Mas, ei, o que eu sei? Como você disse, eu nunca saí dessa ilha.”

Até a vitrola estava em silêncio neste ponto. O único som era o da lenha estourando de leve na lareira.

O copo de conhaque subiu devagar, reduziu de volume e desceu sem pressa. Alice deixou uma risadinha escapar pelo nariz.

“Isso é muito pueril. Muito bobo.”

“Eu sei”, respondeu Leila, alegre. “Não é incrível que o mundo inteiro ainda não tenha entendido?”

Alice ponderou por alguns instantes.

“Bom”, disse por fim. “Está tarde. E eu imagino que, contrariando expectativas, eu vou voltar sozinha para o hotel hoje.”

“Ah, não, não”, respondeu Leila, se levantando e vestindo o cachecol. “Eu te acompanho!”

Caminhavam em silêncio, lado a lado, de braços dados. Alice podia sentir o toque da mão da outra mulher sobre seu braço, e o calor que irradiava daquele ponto. Tinha a cabeça leve. Agora que havia levantado e precisava tomar cuidado para não torcer o pé na calçada de pedras grandes e afastadas, sentia os efeitos do conhaque se manifestando.

Uma brisa fria soprava do mar, trazendo um cheiro que lhe embrulhava o estômago. As ondas quebrando na praia ao final da rua deserta ditavam um ritmo constante, inebriante. Alice tentou forçar os olhos naquela direção, mas a escuridão, pontuada pelos postes afastados que sumiam no horizonte fazia uma péssima parceria com a visão nublada pela bebida.

Apesar do desconforto do momento e da discussão no restaurante, seguia o caminho para o hotel curiosamente em paz. Ao seu lado, Leila a apoiava com carinho e delicadeza. Por um momento, Alice foi invadida por uma estranha sensação de que as coisas, de algum modo, ficariam bem.

Chegaram ao saguão do pequeno hotel e Alice ensaiou uma pantomima exagerando seu estado de embriaguez como um motivo mais do que razoável para que a mulher de cachecol de crochê a acompanhasse até o quarto. Leila não conseguiu segurar uma risadinha e pediu para ver a chave do quarto.

“Tudo bem. Eu acompanho você. Com uma condição.”

“Qual?”

“Confia em mim?”

“Depois de hoje?”, perguntou Alice. “Nem um pouco. Eu tenho escolha?”

“Na real, não.”

Sorriram. Alice concordou que a outra fizesse o que precisasse fazer. Leila apanhou a chave e foi até o balcão da recepção, onde conversou de forma descontraída com a moça que estava ali sentada. Alguns minutos depois, retornou.”

“Vamos?”

“Para onde?”, quis saber Alice. “O que você fez?”

“Troquei o meu quarto. Consegui um com uma vista melhor.”

Alice interrompeu a caminhada no meio do corredor.

“Por quê? Meu quarto tinha vista para o mar!”

“Exatamente”, respondeu Leila, seguindo em frente.

Chegaram ao quarto, que era essencialmente igual ao que Alice havia pegado para si mais cedo, naquele mesmo dia. Havia uma escrivaninha de madeira rústica a um canto, encimada por um espelho. A cama, grande e confortável, ficava sob um quadro muito parecido com o que estava exposto no restaurante. Ao lado, uma grande janela de madeira.

Alice retirou sem pressa a jaqueta de couro escuro que vestia e livrou os pés dos calçados. Era novamente a felina, caminhando silenciosamente, tendo fixos os olhos em seu objetivo. Abraçou a cintura da Leila, que remexia a gaveta da escrivaninha.

“Você confia em mim?”, perguntou novamente, livrando-se do abraço de maneira delicada. Alice bufou.

“Até agora isso já me custou um quarto.”

Leila sorriu e encostou de leve os lábios nos da outra mulher.

“Deita”, pediu.

O sorriso felino de Alice deu as caras novamente.

“Por quê? O que nós vamos fazer?”

“Conversar”, respondeu Leila, deitando-se ao lado da outra mulher.

Ali ficaram, com os cotovelos apoiados no colchão, degustando a companhia uma da outra, sem qualquer urgência. Por horas, conversaram. Leila falava livremente sobre suas ideias, sobre os pensamentos que trazia presos à

cabeça e, por vezes, sentia-se incapaz de libertar. Mas ali, naquele momento, a conversa fluía. Falou sobre o mundo, ou ao menos sobre o mundo aos seus olhos. Quando Alice tentava argumentar que estava tudo perdido, Leila retrucava que ainda havia uma chance. Sentiam-se à vontade para discordar, para discutir, e assim ficaram até a lua dar adeus ao céu.

No dia seguinte, Alice se espreguiçou, estendendo os braços para o lado. Não achou ninguém ali. Soergueu-se devagar. O lado da cama estava vazio, exceto por um bilhete escrito em papel amarelado e dobrado sobre o travesseiro. Esfregando os olhos, leu o que estava escrito ali.

Quando o sol bater na janela do teu quarto...

Sentou-se à beira da cama e leu novamente. Então, olhou para o lado. O sol começava a se infiltrar pelas dobras da janela de madeira e banhar a cama com sua luz.

Alice se levantou. Tocou de leve o ferrolho, hesitante. Empurrou a janela e deixou que a luz de fora tomasse de súbito o quarto, ofuscando tudo lá dentro, espalhando seu calor.

Quando a vista se acostumou, Alice pôde perceber.

Lá fora, por cima dos telhados, viu que as ruas da cidade começavam a se encher de vida. As pessoas da ilha tomavam seus postos; iam daqui para lá, conversavam, trabalhavam. Riam, gritavam, corriam. Quanto mais observava o caos vivo se formando, mais Alice conseguia discernir as pessoas. Seus contornos, seus rostos. Seus medos.

O bilhete ainda estava em sua mão. Desdobrou e leu lá dentro:

...lembra e vê.

Alice se lembrou. E, com um sorriso dançando no rosto, pôde ver.

*

Comentários

Os contos deste livro foram concebidos para que leitores que não conheçam muito bem a Legião Urbana possam aproveitar algumas histórias variadas, mas que aqueles que já forem fãs de longa data tenham a oportunidade de captar aqui e ali alguns detalhes a mais. Todos os discos, sem exceção, estão representados nestes dez contos, seja direta ou indiretamente. Às vezes é toda a história e outras vezes é só um personagem acenando de longe.

Também preferi não entregar logo de cara, exceto talvez em *Metal contra as nuvens*, qual era a música que havia servido de inspiração. Descobrir, ao longo da leitura, é parte da experiência. Na sequência, inseri alguns comentários sobre as histórias e suas relações com as músicas selecionadas.

FAIXA 1 - EDUARDO E MÔNICA

E lá estava eu. Final da faculdade, querendo gastar uns créditos mas também querendo alguma coisa interessante, divertida. Por isso, uma aula de História da Arte parecia uma excelente pedida. Eu gosto de arte, gosto de História... O que poderia dar errado?

Já ouviu falar que o papel aceita tudo? A impressão da matéria era excelente. Na prática...

Na prática lá estava eu. Quarta-feira à noite, num calor de fazer manauara pedir penico, ouvindo por duas horas um monte de jovens querendo aparecer mais que o professor. Que já era um sujeito que tinha uma certa afeição pelos holofotes. Coluna na Folha, essas coisas. Sujeito bacana, até. Os alunos? Um bando de gente que usava camiseta e cachecol. Você conhece o tipo.

Olhei para o lado esquerdo. Meu amigo improvisava, distraído, um solo de bateria utilizando duas canetas, o joelho e o encosto da cadeira da frente. À direita, minha amiga olhava bastante concentrada para a frente, enquanto rabiscava coraçõezinhos no caderno.

O calor aumentava. Minha cabeça começou a navegar para caminhos mais distantes, como é de costume.

Até que uma palavra me trouxe de volta à terra firme. Alguém, em algum contexto, disse “Bauhaus”.

Aquilo acendeu uma luz na minha cabeça. “Bauhaus”. Por que aquilo me soava tão familiar? Quem eu conhecia que gostava de Bauhaus?

E então eu me lembrei. A Mônica gostava.

Era uma coisa estranha, esse Bauhaus. Uma palavra incomum. Imaginei a confusão que poderia causar numa cabeça que não estivesse acostumada a artistas alemães e coisas assim.

Indaguei o que causaria na cabeça do Eduardo.

Daí foi um pulo imaginar o diálogo entre nosso desavisado herói apaixonado e seu amigo, o carinha do cursinho. No verso do meu texto xerocado, que eu deveria ter lido para a aula, os dois adolescentes conversaram, misturaram gírias de vários lugares, lamentaram e descobriram coisas novas.

No fim das contas, aquela aula foi mais proveitosa do que eu imaginava. Sem saber, eu tinha acabado de fazer o primeiro conto do que acabou virando esta coletânea.

Ah, e ainda por cima fechei a matéria com 9. Só queria compartilhar :o)

FAIXA 2 - ANGRA DOS REIS

Ok, vamos tirar o elefante da sala: eu tenho bem certeza de que provavelmente uma parte deste conto tenha sido inspirada um pouco demais em uma história do Neil Gaiman. Já faz muito tempo, todos temos que aceitar e seguir em frente. Tem algumas referências a ele aqui, se olhar bem. Até uma referência à Mary Poppins é, na verdade, uma referência do Neil Gaiman referenciando a Mary Poppins. Paciência.

De toda forma, este é um conto pelo qual eu tenho um grande carinho. Ele fluiu de maneira simples e bem natural e eu simpatizo bastante com o protagonista. Ele tem um quê de herói melancólico. Bom, ele é um sujeito que já viu o máximo que podia da vida muito cedo e tem certeza de que nada mais o vai surpreender. Isso pode ser triste para muitos, mas reconfortante para outros.

Eu nunca fui ao Rio de Janeiro, exceto por uma vez, na maravilhosa Paraty. Não faço ideia de como é Angra dos Reis ou de como a Usina se insere na paisagem. Ainda assim, a história teve um ambiente bastante vívido para mim, e foi difícil não imaginar as cenas com aquele filtro nostálgico dos anos 80. Estes foram anos muito significativos para nossa cultura atual e foi bem legal poder criar uma história aqui. De novo, outras canções da Legião ajudaram a criar a ambientação e, no fim das contas, acho que ficou uma boa história.

Apesar da minha namorada morrer de ciúmes dela...

FAIXA 3 - METRÓPOLE

É engraçado o que a gente pensa nessas horas...

Eu havia escrito o diálogo de *Eduardo e Mônica*, que abre este livro, nas circunstâncias que você já sabe (se ainda não sabe, não faz mal; é só voltar para o começo desta sessão de comentários).

Aquilo me empolgou e eu senti vontade de escrever mais um. O curioso é que eu acho que nenhuma pessoa pensaria logo de cara em *Metrópole* se alguém dissesse “*Hey, escolhe uma música da Legião aí para escrever um conto a respeito!*” Mas foi o que me veio à mente. “*Vai passar na televisão*”, por algum motivo, me parecia uma frase bacana demais para ser deixada de lado.

Agora, é engraçado o que a gente pensa nessas horas...

Eu me sentei para escrever sem ter uma ideia precisa do que eu queria abordar. Depois que eu segui o ritual de *Times New Roman 12 Justificado* e fiquei ali encarando a barrinha do Word piscando, me desafiando a fazer alguma coisa a respeito, só o que eu consegui pensar foi no Jaca Paladium, da TV Colosso, e seu primo que morava na Nova Zelândia. Por nenhuma razão em especial. Isso simplesmente me tomou a cabeça e ficou lá.

Pensando sobre a dificuldade de escrever algo com um tema específico e como a nossa mente se enche de qualquer outra coisa quando precisamos focar num objetivo definido, digitei aquele começo, dizendo como era engraçado as coisas que a gente se lembrava nessas horas e toda a parte das lembranças infantis. Escrevi aquilo como um registro de algo que realmente acontecia comigo quando era criança. Eu não tinha certeza se a Nova Zelândia era mesmo um lugar real, do mesmo modo que eu tinha certeza de que os dinossauros eram uma invenção do Spielberg. Àquele ponto, eu já havia desistido de escrever sobre *Metrópole* e estava pensando em escrever uma crônica pessoal porque, sei lá; eu já estava ali mesmo.

Foi então que me ocorreu que “Zelândia” rima com “Ceilândia” e, daí pra frente, o texto saiu tão rápido quanto um motoboy apressado. Vai entender.

FAIXA 4 - PERFEIÇÃO

A concepção do conto de *Perfeição* veio num daqueles momentos de bobeira com a minha cabeça, que de vez em quando me ocorrem. Mais ou menos entre uma palestra no chuveiro sobre a importância do diálogo como elemento explicativo de roteiros e a solução para a economia mundial antes de dormir.

Lembro de ter pensado “*Imagina que bobo se...*” e lá veio uma trama de *O caso dos dez negrinhos* reunindo num mesmo espaço físico os elementos da música. Me diverti bastante, confesso, imaginando a Vaidade cheia de si, pomposa, tendo a certeza de que a festa era só para a ela e a Tristeza, bem, triste, sacando o ambiente e achando que em breve estariam todos mortos, só para que a Epidemia pudesse escutar isso e espalhar o boato. No ápice, estariam todos em polvorosa, mas então viria a Perfeição e começaria a celebração.

Perdi uns bons minutos me divertindo com essas ideias, criando trocadilhos e coisas assim, mas em nenhum momento considerei seriamente escrever o texto.

Contei à Camila, minha namorada, no mesmo dia em que contei também minha ideia para *Quando o sol*. Ela disse “Legal! Quero ler!”. Ler o quê? Eu havia comentado de passagem, como uma piada que tinha me ocorrido. Não estava muito seguro de colocar mesmo no papel, por conta do tom e por fazer brincadeira com uma letra séria. *Perfeição* era uma das minhas músicas preferidas quando era moleque, e não gostaria que as pessoas pensassem que eu estava fazendo pouco dela.

Mas, de toda forma, as ideias estão aí e é uma sacanagem guardá-las na Gaveta. Quanto mais eu pensava na história, mais eu me divertia. Até que, durante algumas semanas, escrevi pequenos monstros de Frankenstein, com cenas curtas e desconexas e, quando tomei vergonha na cara, costurei tudo.

Acredito que mesmo fugindo à seriedade original, a história pegou bem o espírito da coisa. E, para que se saiba, não é apenas uma fantasia total; tem fatos reais ali. O lance do chá, por exemplo, é totalmente verídico.

FAIXA 5 - FAROESTE CABOCLO

Faroeste Caboclo sempre foi uma música fascinante e decorar a letra era uma brincadeira que eu fazia com os meus amigos, quando era criança. Cantar a música inteira, sem errar e sem emperrar em nenhum verso era um desafio.

É quase como se fossem aquelas canções tocadas por trovadores, narrando grandes momentos e tragédias. Não à toa, se não me engano, é da época de Trovador Solitário mesmo. *Faroeste Caboclo* tem esse apelo quase literário, de registro de uma história. Algo no estilo narrativo de *Hurricane*, do Bob Dylan, mas com uma pegada próxima à nossa realidade brasileira, que me faz lembrar dos grandes clássicos sertanejos de raiz, profundos e dramáticos. Uma mistura de diferentes culturas, resultando em um produto único. Um faroeste, mas brasileiro.

De toda a trágica jornada de João de Santo Cristo uma coisa em específico sempre foi chocante para mim. Eu nunca entendi muito bem como foi que os presentes foram capazes de se comportar da maneira que se comportam no desenrolar do último ato. A vida de Santo Cristo foi transformada em entretenimento e finalizada ali, na frente de todo mundo, servindo de assunto para uns, catarse para outros. Há, é claro, o verniz da ficção poética da narrativa da história. Há um vilão e uma situação limite. Mas há também o fascínio do brasileiro pela violência e sua impassividade perante o absurdo. Somos um povo

que aprendeu a se acostumar com qualquer coisa.

Mas eu sempre senti desconforto pelo óbvio de uma cena grotesca de bang bang ser encarada com naturalidade pelos presentes e sempre imaginei se ninguém no meio daquela multidão, seria capaz de compartilhar esse desconforto comigo. Para meu alívio, existia ali o sêo Juju.

FAIXA 6 - VENTO NO LITORAL

A Camila e eu passamos muito tempo dentro de ônibus. Eu reparei nisso esta semana. Por consciência ecológica ou dever social, qualquer coisa assim? Não, porque não temos grana para bancar um carro mesmo (ô, gente! Compre o livro! Ajuda!).

Nestas ocasiões - principalmente quando a gente tem a sorte de conseguir um lugar pra sentar nas longas viagens entre um ponto e outro - nós conversamos. Muito, demais, sobre qualquer coisa e nada em especial. Podemos ficar criando histórias para os outros passageiros ou pessoas na rua ou então ver personagens fantásticos no encosto dos bancos (olá, Kyle!). Ou então nos aprofundamos em temas polêmicos, filosóficos. Falamos sobre a vida, o futuro (ah, futuro...), nossos medos, nossos planos e desafios. Ou simplesmente fico fingindo que sou um charreteiro conduzindo nosso ônibus-cavalo, o que ela acha particularmente engraçado. É verdade, pode perguntar para ela.

Uma tarde, estávamos indo da casa dela para algum lugar (ela mora longe; eu, perto). Conversávamos sobre o que mesmo? Não consigo me lembrar do assunto, embora lembre bem do lugar onde estávamos quando ele começou. Sei que chegamos até a Legião, eventualmente. Algum de nós citou *Vento no Litoral*, acredito, e eu provavelmente disse que não sou grande fã da música. Acho muito tristonha, mais do que devia. Quem conhece um pouco da história da Legião Urbana sabe que existem bons motivos para o álbum *V* ser triste e pesado mas, ainda assim, eu acho que *Vento no Litoral* passa um pouco do ponto.

Imagina o coitado do cavalo marinho, eu disse. O bicho já é todo confuso, não sabe se é peixe, se é pedra, ou o que for. Não se parece com nada que a gente conheça no mar, nada de costas, é macho e dá à luz, tem aquela carinha esquisita e fofa. A vida dele já é dura demais e, ainda por cima chega alguém e começa a se lamentar em cima dele? Coitado, não é fácil!

Ficamos ainda um tempo imaginando outras situações do tipo, ocupando

nosso tempo de viagem, até que chegou o nosso ponto.

À noite, em casa, relembrei a conversa e, bobo, ri um pouco sozinho. Daí, olhei para o lado, avistei o computador e pensei “Por que não...?”

FAIXA 7 - SOLDADOS

A Camila conheceu a Legião quase sem querer. Bom, mais ou menos. Um dia eu cheguei para ela e disse “*Hey, vai ter show daqui um mês. 30 anos da Legião, Dado e Bonfá tocando. Toma aqui o primeiro disco pra você decorar!*”

É claro, ela já conhecia antes disso. Mas foi neste momento de dedicação admirável ao disco de 1985 que algo mudou ali dentro. Em poucos dias lá estava ela cantando coisas como *Perdidos no Espaço* e *Petróleo do Futuro*, grandes canções pouco conhecidas do público geral, com a desenvoltura e paixão de uma fã das antigas. No show de Campinas ao qual nós fomos - um dia de emoções tremendas, que merece um texto à parte - ela cantou o disco de cabo a rabo, a plenos pulmões. Eu explodi de alegria!

E foi escutando ao primeiro álbum que ela se apaixonou por *Soldados*. No show, quando a bateria do Bonfá começou a marcar o ritmo forte que puxa toda aquela narrativa sonora poderosa da canção, ela se virou para mim e gritou “*Você precisa escrever um sobre esta!*”

Não foi a primeira vez que eu recebia esta cobrança. *Soldados* sempre foi uma das minhas músicas preferidas do disco, e desde que eu comecei os contos, parecia uma ideia natural criar alguma coisa com ela. Mas existia um problema. A letra é uma narrativa fechadinha em si. Uma história de amizade, companheirismo e um desfecho triste, de um amor que se torna evidente tarde demais.

A minha grande dificuldade era: como contar outra história aí?

Pensei, pensei. Estava sendo cobrado. “*Você precisa escrever um sobre esta!*”, eu ouvi. Sorri, sem jeito. Ergui os ombros. Ok, ok... Mas como?

Eu poderia escrever sob um outro ponto de vista. Talvez o de um inimigo que dispara o tiro fatal e observa só o desfecho da história dos dois soldados e, a partir disso, preenche as lacunas daquele caso em sua própria cabeça. Coisa assim. Não ficou nada bom. E mesmo, eu já tinha feito coisa parecida com *Faroeste*.

Foi para a Gaveta.

Passou um tempo e então lá estava eu, lendo um conto escrito pela Susanna Clarke. A história abre com um diálogo entre pai e filho, e o velho pai pede para o filho voltar para casa. Surpreso, o rapaz diz “*Mas pai, eu não posso! Eu estou morto*”. E o pai acorda. É mais ou menos isso.

Achei esta solução, simples e elegante, perfeita para a situação dos dois soldados. Emprestei a ideia e criei alguma coisa nova a partir da premissa.

Para mim, *Soldados* é trágico porque um dos rapazes só descobre os próprios sentimentos quando é tarde demais. Imaginei que ele tenha vivido uma vida triste e um pouco atormentada pela chance perdida, pelos horrores da guerra e tudo o mais. Com tudo isso, quis dar a ele uma chance de tentar consertar as coisas e dizer as palavras que não havia podido dizer antes, mesmo que não tenha saído da melhor maneira, no fim das contas. Escrevi uma primeira versão que tinha ali todas as ideias, mas de um modo muito confuso e mal explicado. Respirei fundo, e tentei mais algumas vezes.

Deu um pouco de trabalho mas, sabe como é. Eu tinha que escrever um sobre esta.

FAIXA 8 - VINTE E NOVE

Eu acho que comecei a escrever este aqui há uns 3 anos. Escrevi que o navio adejava preguiçosamente e foi isso. Nunca saí dali. Comecei uma, duas, três, quatro vezes, e nada. O navio não parava de adejar.

Há que se entender uma coisa: minha cabeça estava tomada por essas belas imagens de um barco adejando preguiçosamente em águas douradas de um quente fim de tarde, graças ao *Coração das Trevas*, do Joseph Conrad. Estas imagens eram muito vivas e queridas em minha mente e eu queria desesperadamente colocar esta visão em alguma história minha.

Mas a porcaria do meu barco só adejava e não saía do lugar. Neste ponto, eu nem tinha certeza se “adejar” significava mesmo o que eu achava que significasse, mas eu estava com ideia fixa e não queria abrir mão da palavra. Esta história precisava começar com uma bela adejada.

Eu tinha uma ideia bem vaga do que eu queria contar para o 29. Nada muito concreto, só uma escultura de fumaça. Mas estava lá. Eu queria um conto mais ou menos de redenção, mas com uma aura um pouco mais poética e fantasiosa. Quase como se fosse uma historieta contada pelo Wes Anderson. Aquele tipo de clima.

Sempre gostei muito de 29. Na minha cabeça, quando eu era pequeno e sentava para escutar os discos da Legião que eu pegava no quarto do meu irmão, eu sempre tinha uma ótima experiência, bem completa. As cores do encarte do *Descobrimento do Brasil* onde eu lia a letra, a surpresa do bandolim do Dado e a história narrada em 29 me faziam viajar. Era uma jornada de aprendizado, de arrependimento e amadurecimento que eu acompanhava cada vez que dava o play. E de um modo tão rapidinho e sintético! 29 sempre foi uma grande poesia sinestésica pra mim.

Eu queria que o meu conto tivesse um pouquinho que fosse disso. Já tinha até escolhido um ponto de partida: os 29 meses num navio, o que me parecia uma ótima ideia. E, a partir dali, eu poderia explorar um pouco da personalidade sofrida do protagonista, ainda que falasse muito pouco sobre ele. Só tinha um problema: meu barco estava ali, adejando há anos, e não saía do lugar.

Quando eu escrevi os primeiros contos sobre músicas da Legião (*Eduardo e Mônica*, *Metrópole* e *Angra dos Reis*), eu não pensava em fazer nada demais com eles, exceto mostrar para alguns amigos e meu irmão. 29 seria o quarto desses contos, mas o barco encalhou.

Passaram-se anos e eu me esqueci dele. Fazia tempo também que eu não parava para escutar as músicas. Nesse tempo, muita coisa mudou. Inclusive meus dentes.

E foi por isso que uma bela tarde eu estava deitado, de boca aberta, numa cadeira de dentista. Eu estava quase pegando no sono (se eu fico muito tempo parado numa mesma posição, ainda que seja no desconforto dolorido com barulho de motorzinho de uma cadeira de dentista, me dá sono).

O radinho da sala começou a tocar uns acordes conhecidos; um bandolim. Aquele som familiar veio me buscar lá na entradinha do reino de Morfeu e me trouxe de volta, um tantinho emocionado, até. Foi como reencontrar um velho amigo: de repente, lembramos que ainda temos muitos assuntos para discutir.

Fui para a casa com a música ecoando na cabeça. contei para a Camila o que havia acontecido e, como de costume, ela me deu um puxão de orelha. “O que você está fazendo que não está escrevendo?”. Me sentei ao computador e meus olhos pousaram sobre o calendário. Era dia 29.

Escrevi em uns quinze minutos a história que ficou rondando minha cabeça por três anos. E, além disso, revisei o universo dos contos da Legião e, de quebra, percebi ali que eu teria que lançar esta coletânea.

FAIXA 9 - METAL CONTRA AS NUVENS

É curioso como o tempo dá alguma perspectiva.

Assim como qualquer moleque, eu sempre gostei de música. Mas, sendo mais literário do propriamente apegado às melodias e suas regras, eram as letras das canções que, num primeiro momento, me atraíam. Imagina só como foi quando, pela porta fechada do quarto do meu irmão, eu descobri a Legião Urbana.

Quando eu estava sozinho em casa, eu ficava com a cara colada nos encartes, acompanhando as letras, decorando, interpretando. É algo natural a qualquer leitor de qualquer obra querer interpretar. É parte do trabalho. Quando o texto nos toca, de alguma forma, nos sentimos mais próximos do autor e temos a vontade de tentar entender o que se passava na cabeça dele no momento em que estava escrevendo. Colher as histórias é um trabalho interativo e social, mas colocá-las no papel é sempre algo meio solitário. Então, nos solidarizamos com o autor e queremos estar perto dele neste momento. E fazemos isso tentando interpretar o que ele diz.

Às vezes a interpretação se sai melhor do que a obra em si. Às vezes, é apenas uma grande viagem sem sentido. De toda forma, é uma interação que sempre rende frutos. Quando eu era mais novo e me punha a interpretar as letras, eu criava histórias mirabolantes e justificativas intrincadíssimas para trechos que, com certeza, não significavam nada daquilo. Por outro lado, perdia coisas óbvias, como um verso de *La Nuova Gioventù*. Eu tinha certeza de que “*o tempo é mercúrio cromo*” era apenas uma rima ruim para o que vinha a seguir, e nunca considerei, até bem pouco, que pudesse ser uma referência ao adágio que trata da habilidade do Tempo de curar as feridas. Da mesma forma, nunca havia parado para pensar na sabedoria profunda por trás do verso sobre a dor, em *Quando o sol bater na janela do teu quarto*.

Metal contra as nuvens é uma canção que abre brechas para muitas interpretações. Em primeiro lugar, por ser claramente uma canção diferente do que a Legião costumava fazer: mais experimental, única, explorando uma sonoridade variada e muito bem construída. Mas, principalmente, por ser escrita em metáforas; estão lá os problemas econômicos da era Collor, que afetou também a banda, além de, possivelmente, uma ou outra reflexão sentida sobre o estado de saúde do Renato.

O título da canção sempre despertou na minha mente imagens épicas e bonitas, mas eu nunca havia focado muito em seu significado. Foi apenas

quando me ocorreu de escrever a respeito da música que eu me permiti gastar um tempo pensando sobre ela. E daí veio a minha interpretação, que pode estar correta ou não, mas que foi fundamental para que a história tomasse o rumo que tomou.

Metal contra as nuvens me fez imaginar o ímpeto de um herói em uma cruzada que nunca poderia vencer, contra um inimigo que, quanto muito, residia apenas em sua mente. Era a força da espada contra adversários de ar, o metal tentando cortar as nuvens. Embora justamente motivado - ao menos em sua própria concepção - o herói desta história deveria ser algo trágico, traumatizado e alterado.

Criar uma aventura de capa e espada para este conto sempre foi a minha intenção. Assim, criei um universo medieval de honra e retidão, onde o cavaleiro poderia empunhar a espada e destruir o monstro que levou tudo o que ele tinha. Mas a súbita realização de que o protagonista deveria ter ares mais quixotescos e dirigir seus esforços contra moinhos de vento, deu um novo significado ao conto que eu gostaria de narrar.

FAIXA 10 - QUANDO O SOL BATER NA JANELA DO TEU QUARTO

É muito fácil simplesmente ser negativo e condenar o mundo à irreversível bancarrota. Quando nós assumimos que o mundo não tem mais solução, admitimos que estamos oficialmente desistindo de fazer nossa parte. Mas *Quando o sol bater na janela do teu quarto* é justamente o oposto disso: é uma mensagem positiva, de esperança, lembrando que o sol nasce para todos, ou seja, estamos todos nós - o mundo inteiro - sob o mesmo sol. Todos temos a mesma chance de mudar o mínimo que for. Só o que precisa é abrir os olhos e trabalhar.

Eu achei que seria uma mensagem legal para encerrar.

L.Samora

Table of Contents

[Sobre canções e portas fechadas](#)

[Faixa 1](#)

[Faixa 2](#)

[Faixa 4](#)

[Faixa 5](#)

[Faixa 6](#)

[Faixa 7](#)

[Faixa 8](#)

[Faixa 9](#)

[Faixa 10](#)

[Comentários](#)